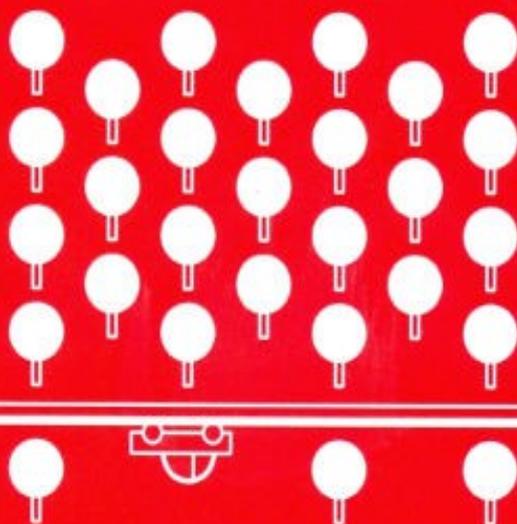
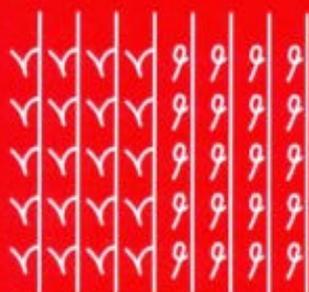


Propuesta
cooperativa
para

alfabetización

de
mujeres

Vicenta Pérez Ferrando
M^a Ángeles Olivares García



PROPUESTA COOPERATIVA PARA ALFABETIZACIÓN DE MUJERES



Instituto Andaluz de la Mujer
CONSEJERÍA DE IGUALDAD, SALUD Y POLÍTICAS SOCIALES

Autoras: Vicenta Pérez Ferrando
M^a Ángeles Olivares García

Fotografías: María Moya y Rafael E. Porras Alonso

Diseño portada: Fernando Osuna Pérez

Edita: Instituto Andaluz de la Mujer
Consejería de Igualdad, Salud y Políticas Sociales
Junta de Andalucía

ISBN: 978-846-95985-6-6

Depósito Legal: SE-295-2014

Imprime: Imprenta Luque, S.L. - Córdoba 2014

Certificación  FSC





ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	7
PRÓLOGO	9
PRIMERA PARTE	
<i>APROXIMACIÓN A LA ALFABETIZACIÓN CRÍTICA</i>	13
1. Introducción	15
2. Por un modelo de educación que facilite una acción transformadora	25
3. La construcción de conocimientos a partir de la participación	29
4. Método	31
4.1. Orientaciones para trabajar las palabras generadoras en el proceso de alfabetización	35
5. Bibliografía	44
SEGUNDA PARTE	
<i>PROPUESTA DE ALFABETIZACIÓN</i>	47
EPÍLOGO	87



AGRADECIMIENTOS

Alumnado participante en el desarrollo de la propuesta didáctica que presentamos:

Alcaide Fernández, Inmaculada	González Varjas, Bárbara
Alcaraz Muñoz, Ana Belén	Jiménez López, Jesús
Alejandres Reyes, Alfonso	Jiménez Pareja, Manuel
Belmonte Guerrero, María del Carmen	Linares Cruz, María Victoria
Bueno de Lisboa, Alessandra	Liñán Cárdenas, Manuel
Cabañas Moreno, Sheyla María	López Fernández, Gloria
Camino Martínez, Candelaria	López Valle, Ana María
Cañero Pacheco, María José	Márquez Llamas, María
Castro Madero, Adoración	Molero Fernández, Manuel Rafael
Córdoba Urbano, Manuela	Neira Estropel, Alberto
Cruz Marín, Estela	Padilla Valenzuela, Ana Belén
Díaz Aparicio, Rafael	Ríos Toledano, Ángela María
Díaz Cobos, María José	Romero Ruiz, María Cristina
Doncel Bueno, María Josefa	Rueda Romero, Aurora
Dorado Agraz, María Pilar	Ruiz Alberca, Javier
Flores Lora, Beatriz	Ruiz Alberca, Silvia
Flores Zurera, Domingo	Ruiz Cañete, Azahara María
Gálvez Fernández, Miguel Ángel	Sánchez Lara, Ana
Garrido López, Ana	Sánchez Pavón, Enrique Jesús
Garrido Luque, Azahara María	Serena Membrillera, Zoraida
Gimón Murciano, Cristina	Tejada Robles, María José
González Navarrete, María Ángeles	

Con vuestros nombres queremos reconocer vuestro entusiasmo y trabajo bien hecho. Nos gustaría destacar de manera especial la dedicación -fuera de las horas de clase- de Jesús Jiménez, Bárbara González y Aurora Rueda.

Este trabajo no se hubiese concluido sin los consejos y aportaciones de un buen maestro como es nuestro amigo Juan Luengo y sin las apreciaciones inestimables de nuestra buena amiga Marina Fuentes-Guerra.

Con María Moya hemos podido compartir otra mirada a través del objetivo de su cámara haciéndose cómplice del valor de la imagen en el proceso de alfabetización crítica.

Agradecemos al Instituto Andaluz de la Mujer la financiación, apoyo y respaldo en la publicación de este trabajo.

Queremos destacar a las verdaderas protagonistas de este proyecto de alfabetización crítica: las mujeres, que hacen historia aunque sus nombres no figuren en los libros.



PRÓLOGO

Em relação a uma leitura humanista do mundo, aquilo de que outros fazem chavões, Paulo Freire traduzia amorosamente, isto é, dialogicamente, já que, como ele explicita, o amor é a característica mais fundamental do diálogo e a força constitutiva que anima todas as pedagogias da libertação.

Mas são as palavras suas próprias, como diria Bakhtine, que melhor elucidam este destemor na afirmação de um lugar conceptual tão incómodo, por tão subversivo, como é o amor. Diz ele:

«Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens e às mulheres. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um acto de criação e re-criação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja, essencialmente, tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há, é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não é.» (in A. M. Freire, 2001)¹.

É tomando como referência civilizacional o poder patriarcal e as relações de dominação dele decorrentes, que melhor se adere à ideia (cada vez melhor explicitada) de que as lutas feministas operaram transformações mais profundas do que qualquer outra iniciativa transformadora da vida em sociedade. Porque elas mexem no lugar onde o poder e o medo, se escondem sob um denso manto de nevoeiro naturalizador. Suportados por fortes grilhões das morais e da tradição, tão naturalizados, não se dá por eles. Como dar clareza ao que “não existe”? É essa a luta.

Neste livro de Vicenta Perez e M^a Ángeles Olivares, o silenciamento e a invisibilidade das mulheres em sociedades opressivas, que à sombra da ciência e da educação e das religiões se aparelham das condições da sua reprodução, a Educação de pessoas adultas surge como lugar de tomar a palavra, “para além do puramente educativo”, de quebrar o silêncio. Alfabetização “como ferramenta ao serviço das mulheres”: o diálogo libertador a rasgar a sua milenar invisibilidade e a devolver a consciência auto-reconstrutiva da condição cidadã.

Apoiadas nas conclusões de dois estudos anteriores sobre trajectórias educativas dos/as alunos/as dos CEPAs de Córdoba, enquanto instrumentos fundamentais a ter em conta nas estratégias metodológicas a seguir, apostam

1. Freire, A. M. A, (2001). *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. S. Paulo: Unesp Editorial.

numa educação que, neste tempo de profundos retornos desumanizadores, desafie o reino da competição, arriscando a beleza do estar juntos, cooperativamente. Como alertava Jean Geheno da Unesco, nos anos 70 do século passado, certos modos de ensinar a ler, não passam de estratégias para formar melhores escravos.

No diálogo, na análise do contexto, na participação, se engendram as palavras geradoras que alimentam um fazer educativa onde ninguém ensina ninguém; aprendemos uns com os outros na nossa relação com o mundo - como tão insistentemente esclareceu Freire.

Na mesma linha, o desenvolvimento da capacidade de “tecer redes, entrelaçar recursos, desejos, necessidades”, como quem tece saberes na trama afectuosa da “experiência acumulada em gerações”, agora com o sentido forte da sua afirmação, num quadro da sua valorização e re-conhecimento.

Na visão freireana, para que os oprimidos convertam as suas próprias actividades em força revolucionária, precisam de desenvolver uma consciência colectiva da sua própria condição subalterna. Estando o desequilíbrio do poder entre os sexos na origem de todas as formas de discriminação contra as mulheres, este sistema de poder está culturalmente naturalizado e socialmente legitimado. Daí a eficácia da sua persistente resistência à viabilização das condições de igualdade de género.

Uma mudança significativa da situação de opressão das mulheres é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade, interrogadoras de uma cultura patriarcal opressiva, devem cumprir as suas irrecusáveis e historicamente importantes funções de mudança, num desafio à militância e profissionalidade na educação de pessoas adultas e na educação em geral.

Neste livro da Vicenta y M^a Ángeles, adivinha-se essa militância e sentido da responsabilidade profissional de quem sabe e sente que a alienação dos grupos subordinados não é mais do que um sintoma da alienação social. Por isso convoca a alfabetização de mulheres como ferramenta crítica, no esclarecimento persuasivo sobre os direitos das mulheres como direitos humanos resgatados para igualdade e justiça social.

Nazaré, Maio de 2012

Rosa Soares Nune

PRÓLOGO

En relación con una lectura humanista del mundo, aquello de lo que otros hacen clichés, Paulo Freire traducía amorosamente, esto es, dialógicamente, pues como él explicita, el amor es la característica más fundamental del diálogo y la fuerza constitutiva que anima todas las pedagogías de la liberación.

Pero son sus propias palabras, como diría Bakhtin, las que mejor aclaran la valentía en la afirmación de la existencia de un lugar conceptual tan incómodo, tan subversivo, como es el amor. Dice:

“No hay diálogo, sin embargo, si no hay un profundo amor al mundo y a los hombres y a las mujeres. No es posible la pronunciación (revolución/sublevación) del mundo, lo que es un acto de creación y recreación, si no hay amor que la infunda. Siendo fundamento del diálogo, el amor es, también, diálogo. De ahí que sea, esencialmente, tarea de los sujetos, y que no pueda verificarse en una relación de dominación. En ésta, lo que hay es patología del amor: sadismo de quien domina, masoquismo en los dominados. Amor no es” (en A.M. Freire, 2001)¹.

Es tomando como referencia la civilización, el poder patriarcal y las relaciones de dominación derivadas de las mismas, lo que mejor se acerca a la idea (cada vez mejor explicitada) de que las luchas feministas operan transformaciones más profundas que cualquier otra iniciativa transformadora de la vida en sociedad. Porque ellas llegan al lugar donde el poder y el miedo, se esconden bajo un denso manto de niebla naturalizado. Apoyados por los fuertes grilletes de la moral y de la tradición, tan naturalizados, no se perciben. ¿Cómo dar claridad a lo que no existe? Es esa la lucha.

En este libro de Vicenta Pérez y M^a Ángeles Olivares, el silenciamiento y la invisibilidad de las mujeres en sociedades opresivas, que a la sombra de la ciencia y de la educación y de las religiones crean las condiciones de su reproducción, la Educación de Personas Adultas surge como un lugar donde tomar la palabra, “más allá de lo puramente educativo”, de quebrar el silencio. Alfabetización “como herramienta al servicio de las mujeres”: el diálogo liberador para rasgar su milenaria invisibilidad y para devolverles la consciencia auto-reconstructiva de la condición ciudadana.

Apoyadas en las conclusiones de dos estudios anteriores sobre trayectorias educativas de los alumnos y alumnas de los CEPAs de Córdoba, como

1. Araujo Freire, A.M. (2001). *La Pedagogía de la liberación en Paulo Freire*. S. Paulo: Unesp Editorial

instrumentos fundamentales para tener en cuenta en las estrategias metodológicas a seguir, apuestan por una educación que, en este tiempo de profundos retrocesos deshumanizadores, desafíe el reino de la competitividad, arriesgando la belleza del estar juntos, cooperativamente. Como alertaba Jean Geheno de la Unesco, en los años 70 del siglo pasado, ciertos modos de enseñar a leer, no pasan de estrategias para formar mejores esclavos.

En el diálogo, en el análisis del contexto, en la participación, se engendran las palabras generadoras que alimentan un hacer educativo donde nadie enseña a nadie; aprendemos unos con otros en relación con el mundo –como tan insistentemente aclaró Freire-.

En esta misma línea, el desarrollo de la capacidad de “tejer redes, entrelazar recursos, deseos, necesidades” como quien teje saberes en la trama afectuosa de la “experiencia acumulada de generaciones”, ahora con un sentido fuerte de su afirmación, en el cuadro de su valorización y reconocimiento.

En la visión freireana, para que las personas oprimidas conviertan sus propias actividades en fuerza revolucionaria, necesitan desarrollar una conciencia colectiva de su propia condición subalterna. Estando el desequilibrio de poder entre los sexos en el origen de todas las formas de discriminación contra las mujeres, este sistema de poder está culturalmente naturalizado y socialmente legitimado. De ahí la eficacia de su persistente resistencia a la viabilidad de condiciones de igualdad de género.

Un cambio significativo de la situación de opresión de las mujeres es inconcebible sin la correspondiente transformación del marco social, en el cual las prácticas educativas están impregnadas de una cultura patriarcal opresiva. En este sentido, la educación debe cumplir sus irrecusables e históricamente importantes funciones de cambio, en un desafío de la militancia y la profesionalidad en la Educación de Personas Adultas y en la educación general.

En este libro de Vicenta y M^a Ángeles se adivina esa militancia y el sentido de la responsabilidad profesional de quien sabe y siente que la alienación de los grupos subordinados no es más que un síntoma de alienación social. Por eso apela a la alfabetización de las mujeres como herramienta crítica, en un esclarecimiento persuasivo sobre los derechos de las mujeres como derechos humanos rescatados para la igualdad y la justicia social.

*Traducción
Raquel del Moral Cejas*

**PRIMERA PARTE:
APROXIMACIÓN A LA ALFABETIZACIÓN CRÍTICA**



1. INTRODUCCIÓN

Uno de los fines de la Educación de Personas Adultas es dar la palabra, en este caso, a las mujeres para que, a partir del pronunciamiento de las mismas, se reconozcan como autoras y dueñas de sí mismas y de las cosas que dicen y hacen. De este modo, la Educación de Personas Adultas adquiere una dimensión sociocultural importante que traspasa los límites de lo puramente educativo, incorporando la perspectiva de ciudadanía activa dentro del complejo sistema de la participación ciudadana.

El método de alfabetización que presentamos se sitúa en un enfoque crítico frente a un enfoque bancario o ingenuo. Creemos que la vigencia del pensamiento de Paolo Freire es una realidad en el siglo XXI. Frente a la “normalización” de fenómenos como la crisis económica, cultural, política...que nos propone la sociedad neoliberal, Freire nos plantea el posicionamiento y el compromiso con la vida, con la justicia y la libertad. Esta propuesta se orienta hacia la ruptura de la cultura del silencio, de lo natural y de la incomunicación.

Este recurso didáctico pretende ser una estrategia de participación ciudadana desde un enfoque cooperativo. El proceso de alfabetización en el que nos fundamentamos se centra en la idea de desechar el fatalismo y la inmovilización, proponiendo una relación dialógica entre las personas que enseñan y las que aprenden.

Esta propuesta es una herramienta al servicio de las mujeres como cauce de participación y transformación social. La realidad y las demandas de este colectivo han sido las grandes olvidadas y ausentes -ausencia no elegida, como indica Beltrán (2011)- en los espacios socioeducativos aunque éstas hayan representado más del 50% de la población que asiste a los Centros de Educación Permanente². Su realidad ha estado muchas veces invisibilizada, desperdiciándose con ello, la riqueza que suponían sus saberes “experienciales” (transmitidos de bisabuelas a abuelas, madres, hijas...acumulados generación tras generación), llamados también “saberes

2. En el Informe sobre el estado y situación del Sistema Educativo en Andalucía 2009/2010-2010/2011, el Consejo Escolar Andaluz define el perfil medio del alumnado andaluz de los Centros de Educación Permanente señalando que éste continúa siendo mayoritariamente femenino (con una presencia global del 65%).

no rentables” por Juan Goytisolo³, situándose éstos –oficialmente- fuera del aula, sin merecer en la mayoría de los casos, ningún tipo de valoración ni reconocimiento.

En este sentido, uno de los elementos que consideramos clave en esta propuesta es que ha de responder tanto a las experiencias y conocimientos de las mujeres para que el aprendizaje resulte significativo, como a la revalorización de dichos conocimientos y saberes experienciales en el desarrollo de cualquier tipo de sociedad y que tradicionalmente, como decíamos antes, han sido ignorados o infravalorados. Desde esta perspectiva, la alfabetización de personas adultas que aquí proponemos, puede ayudar al colectivo de mujeres adultas a hacer posible el uso de la palabra como constructora de pensamiento y como instrumento de acción social.

Es nuestro objetivo hacer una propuesta educativa para que la formación, como motor de transformación de la realidad socioeducativa de las personas en general, y de las mujeres en particular, vaya cambiando la ausencia e invisibilidad de éstas, su falta en algunos casos de autonomía y autoestima, la escasa proyección social de este colectivo, las diferencias en equiparación salarial, sus dificultades para acceder a estudios no tipificados... Aspiramos, pues, a cambiar muchos de estos aspectos y dotar al colectivo de mujeres adultas de instrumentos que hagan posible su presencia como ciudadanas activas.

En 1996 realizamos una investigación sobre las trayectorias educativas del alumnado que asistía a los Centros de Educación de Personas Adultas de Córdoba (Pérez, Olivares, Santofimia y León, 2004), en donde comparábamos las trayectorias de las mujeres (que representaban el 76% de la población) y la de los hombres (que representaban el 24%). Nos parece interesante destacar de este trabajo algunos de los datos diferenciadores entre ambas poblaciones por el interés que supone mostrarlos y ver, de ese modo, la influencia que han tenido y tienen todavía, en el desarrollo personal, social, familiar... y que irán justificando el objetivo fundamental de este trabajo: **elaborar una propuesta de alfabetización para las mujeres, partiendo**

3. Goytisolo, J. (2007). "La llave de estos saberes no rentables me permitió el trato directo con gentes, a veces analfabetas o poco instruidas, cuya sabiduría, despreciada por los educados con criterios utilitarios, me enriqueció... su inventiva popular a través de metáforas o metonimias, sus baladas, chistes, refranes...". Recuperado de http://elpais.com/diario/2007/06/13/cultura/1181685607_850215.html

de sus demandas y necesidades (Pérez Ferrando, 1996). Destacamos las siguientes conclusiones:

-Entre las causas del abandono escolar, las mujeres habían dejado la escuela por ayudar económicamente a su familia, por hacer labores de cuidado, atención a la infancia y a las personas mayores; ellos en cambio, abandonaron la escuela porque no les gustaba estudiar. La autopercepción que tenían tanto mujeres como hombres de su pasado como estudiantes era distinta, ellas hacían referencia a su falta de capacidad para estudiar, ellos argumentaban que no les gustaba estudiar.

-Las causas que explican su regreso a la escuela nuevamente son: ellas, para saber, salir de casa...; ellos, para situarse mejor en la vida, para prosperar en el trabajo...

-En el ámbito profesional, el estudio refleja la segregación ocupacional horizontal, es decir, la presencia de las mujeres en ocupaciones tradicionalmente catalogadas como femeninas (peluqueras, modistas, etc.) y los varones, en ocupaciones tradicionalmente masculinas (electricistas, albañiles, fontaneros, etc...). Por otro lado, se daba menor cualificación y promoción en ellas que en ellos. Cambian más de profesión los hombres que las mujeres, pero la contratación de las mujeres es más temporal. En cualquier caso, para éstas el trabajo remunerado y valorado socialmente queda supeditado a tener resuelto el trabajo de cuidado y atención a la familia (INE, 2011; Rosell, 2011). Un elemento más a considerar en esta diferenciación de las trayectorias profesionales entre mujeres y hombres ha sido la causa de abandono del trabajo que, en el caso de ellas, se realiza principalmente por el matrimonio y, en ellos, por mejorar en el trabajo.

La relevancia de los resultados obtenidos en esta investigación nos animó a continuar profundizando en la misma. En el curso 2001/2002, concretamos el estudio en su “vida cotidiana”, centrándonos en cinco ámbitos fundamentales: familiar, laboral, social, afectivo y de ocio. En todos y en cada uno de ellos, se mostraban unas diferencias importantes entre mujeres y hombres, por ejemplo: el reparto de las tareas familiares recaía mayoritariamente en las mujeres, dándose muchas veces la “doble jornada” entre éstas, recayendo en ellas principalmente, el cuidado y la crianza de hijas e hijos, así como el cuidado de las personas mayores. Los hombres asumían todavía la

responsabilidad del mantenimiento de la casa considerándose el sostén de la misma, ocupando el trabajo remunerado, el mayor tiempo de sus vidas. En lo afectivo, destaca la dedicación a la familia por parte de las mujeres, procurando “dar” lo mejor de ellas.

Esta realidad diferencial entre mujeres y hombres no ha sido siempre considerada en los ámbitos formativos de personas adultas, desperdiándose, muchas veces, una posibilidad de actuación con las mujeres para lograr una mayor autoestima, autonomía, promoción, libertad, participación pública, equiparación salarial...

Teniendo en cuenta las anteriores aportaciones, analizamos las necesidades derivadas de las conclusiones de estos dos estudios, considerándolos instrumentos fundamentales a tener en cuenta en las estrategias metodológicas a seguir en el aprendizaje de las personas adultas:

- a. **Necesidades individuales:** en la actualidad hay mujeres que están solamente en el mundo de lo “privado” de sus hogares, en la invisibilidad, tras un periodo de crianza de hijas e hijos. Éstas, en un primer momento formativo, necesitan ser reconocidas para poder reconocerse y tener autoestima. Al mismo tiempo, hay que destacar la importancia del desarrollo profesional como instrumento de desarrollo personal y de independencia económica.

En este proceso de desarrollo de la autonomía y realización es imprescindible la incorporación y responsabilidad del hombre en las tareas familiares, de cuidado, de crianza, de cariño... compartiendo éstas con las mujeres. De este modo, se podrá ir avanzando en igualdad.

La discriminación por razón de sexo es un denominador común en todas las sociedades y países. Todas las mujeres, por el hecho de serlo, somos susceptibles de sufrirla. España es uno de los países del “primer mundo” que se supone incluido en la denominación de “Estado de Bienestar”, pero en el que las mujeres sostienen todavía la carga social relativa a las tareas denominadas reproductivas, es decir, las tareas relativas al mantenimiento del hogar y el cuidado de todos los miembros de la familia, por lo que nos encontramos en un país, el nuestro, donde la mitad de la población padece de sobrecarga de funciones.

Vivimos en una sociedad que continúa actuando como si se mantuviera el modelo de familia tradicional, es decir, con una mujer ama de casa a tiempo completo que realiza todas las tareas necesarias de cuidados. Y si esta mujer quiere incorporarse al mercado laboral es su responsabilidad individual resolver previamente la organización familiar. La corresponsabilidad de los hombres, sin la que es impensable la igualdad salarial, lleva implícita la igualdad entre los permisos de maternidad y paternidad, rompiendo con ello, la concepción de que son las mujeres las únicas que deben ocuparse del cuidado de las criaturas. Se ha de lograr, por tanto, que los tiempos de vida y de trabajo sean compartidos entre mujeres y hombres, haciendo compatible la vida laboral con la personal.

Por otro lado, las instituciones sociales han de desarrollar la Ley Orgánica para la Igualdad efectiva de Mujeres y Hombres (2007) y todas aquellas que sean necesarias, para que el cuidado de la vida humana sea una responsabilidad social y política.

- b. Necesidades de participación en los ámbitos públicos.** El mundo laboral, la participación ciudadana, el asociacionismo, las redes de mujeres, son aspectos todos ellos importantes a cubrir para que las mujeres ocupen espacios públicos. Partimos de que la participación nunca es teórica, solo existe cuando se ejerce y ha de tener un contenido y un sentido: se participa ante un problema compartido por la ciudadanía, así pues, lo que nos afecta colectivamente ha de hacerse de manera participada. Solo hay una forma de aprender a participar que es participando, este hecho sencillo hace que la participación sea a veces en la práctica un proceso complejo, lento y afortunadamente, casi imposible de controlar en su totalidad.

Participar desde esta perspectiva, es reconocernos, tener voz y voto, disminuir el poder personal por el colectivo, crear instancias nuevas de control y de participación, tomar decisiones, no solo ser consultadas las personas. La participación de las mujeres, tradicionalmente, se ha concentrado en asuntos y tareas vinculadas a las necesidades básicas cotidianas de la familia y de la comunidad, proyectando a los espacios públicos sus roles domésticos que “normalizan” la presencia de las mujeres en la vida pública perdiendo con ello su posible competitividad con los hombres, en las formas de asumir responsabilidades y de actuar.

Para lograr ser ciudadanas activas se ha de pasar de ser meras habitantes a ser ciudadanas. El compromiso cívico, la discusión colectiva y la acción organizada sobre los temas que afectan especialmente a las mujeres, por el mayor uso que hacen ellas de los mismos (crianza, movilidad, transporte público...) van a ir conformando una ciudadanía activa que irá posibilitando la creación de redes de mujeres, de asociaciones decididas a incidir en la vida social y cotidiana, para ejercer efectivamente, sus derechos con garantía de igualdad de oportunidades entre mujeres y hombres.

El derecho a la educación, la sanidad y el bienestar social, aunque son derechos de toda la población y se encuentran recogidos en la Constitución Española, inciden directamente en las mujeres de tal forma que, cuando estos derechos son universales -públicos, obligatorios y gratuitos-, se beneficia toda la ciudadanía, garantizando con ello la igualdad de oportunidades. Pero cuando se restringen, se recortan, se privatizan, son siempre las mujeres las primeras en sufrirlo. Por ello, es tan importante que estos pilares fundamentales del Estado de Bienestar de la democracia, no pasen a ser nunca un privilegio de unos pocos, sino que sean universales.

- c. **Necesidades ocupacionales.** La actual crisis económica está acentuando los factores de discriminación laboral, generando tasas de desempleo importantes que influyen de manera especial en las mujeres, encontrándose éstas en una situación de vulnerabilidad e inducidas en muchos casos a regresar al trabajo doméstico. Según Carmen Sarasúa (2011, p. 13):

Los efectos a corto plazo de esta crisis económica, incluyen el aumento del desempleo, la caída de los ingresos de los hogares, la pérdida de la vivienda por el impago de las hipotecas y el empeoramiento general del nivel de vida. Esto se une a los recortes que las propias Administraciones hacen de becas escolares, de comedor, transporte y libros, así como, en la subvención del coste de las guarderías, con lo que el resultado es doblemente lesivo, sabiendo que los efectos de la crisis van a percibirse incluso en las generaciones siguientes.

Del estudio publicado por el Servicio Andaluz de Empleo (Rosell Vaquero, 2012) titulado *La mujer en el mercado de trabajo andaluz 2011*,

destacamos algunos datos significativos que reflejan la situación de las mujeres en el ámbito laboral, que ayudan a comprender las principales dificultades que encuentran en el desarrollo de sus trayectorias profesionales:

- En el año 2011, según la Encuesta de Población Activa, la tasa de actividad femenina en Andalucía se cifraba en un 50,51%, es decir, una de cada dos mujeres andaluzas mayores de 16 años está trabajando o buscando empleo. A pesar de ser la mayor tasa de actividad femenina registrada en Andalucía, aún persisten claras diferencias en relación con la tasa de actividad masculina (67,34%). De igual modo, la incidencia del desempleo es mayor en las mujeres andaluzas (32,33%) que en los hombres (28,88%).
- De especial interés es el análisis de las razones por las cuales las mujeres andaluzas no participan en el mercado de trabajo: el 43,90% son inactivas, por la dedicación a las tareas del hogar. Vuelve a aparecer la división sexual del trabajo como principal obstáculo para el desarrollo profesional de las mujeres.
- Otro factor clave que incide en la participación de las mujeres en el empleo es la formación. Así lo señala una de las conclusiones del informe citado: “el nivel formativo de las mujeres que participan en el mercado laboral está estrechamente vinculado a sus oportunidades de acceder a un empleo” (Rosell Vaquero, 2012, p. 36), siendo la incidencia del paro mayor en las mujeres con menor cualificación.
- Igualmente, persiste la segregación ocupacional horizontal, concentrándose la presencia de las mujeres contratadas en determinados sectores profesionales u ocupaciones como trabajadoras de los cuidados personales a domicilio, auxiliar de enfermería hospitalaria o cuidadora de niños en guarderías y centros educativos (en 2011, nueve de cada diez contratos registrados para el desempeño de estas profesiones en Andalucía han correspondido a mujeres).

En este sentido, la formación y orientación profesional desde un enfoque de género son necesarias para diseñar nuevas estrategias dirigidas a acceder y mantener el empleo en condiciones laborales dignas, a formar a las mujeres en otros ámbitos que han sido tradicionalmente ocupados

por los hombres (Olivares y Olivares, 2013). Por ello, es necesario romper los roles y estereotipos que todavía existen en el mundo laboral y que adjudican a los hombres sectores profesionales más valorados que aquellos ocupados por mujeres.

Es preciso desarrollar políticas de calidad en el empleo de las mujeres que favorezcan la independencia económica igual para ambos sexos y supriman la discriminación de ellas en el ámbito laboral y social, en donde aún perviven los efectos negativos que sobre éstas tienen. Para que, en un futuro, puedan elegir sin trabas su propia ocupación y el sector en el que quieran desempeñar su trabajo, sin tener que renunciar por ello a las opciones personales y familiares que quieran emprender en su vida.

- d. Necesidades asociativas.** Aunque las mujeres y los hombres tenemos los mismos derechos al nacer, a lo largo de la vida esos derechos no siempre se respetan. Es por lo que hemos de tomar conciencia de que *tenemos derecho a tener derechos y a ejercerlos*, hemos de adquirir conciencia de nosotras mismas, de nuestras condiciones de vida y de nuestros recursos.

Hay que salir del individualismo -esto solo me pasa a mí- para avanzar en la autoestima, en la autonomía, en hacerse valer para una misma y para los demás. El encuentro con “las otras”, saber que están ahí, que han pasado o están pasando por lo mismo, ayuda a avanzar, a salir de los problemas, de los atascos, del estar o sentirse sola. Cualquier problema, cuando se comparte, se reduce la gravedad del mismo, se hace más llevadero y se va construyendo el “nosotras” que le permite sentir la pertenencia al género femenino y encontrar explicaciones sobre la condición de las mujeres como algo construido socialmente, no como algo individual.

El “nosotras” se desarrolla al compartir, leer, discutir, escuchar, proponer, ir al cine, pasear, llegar a acuerdos, realizar actividades conjuntas en la escuela de personas adultas, en la asociación vecinal...; se desarrolla, en definitiva, cuando se siente que se pertenece a un grupo, que hay objetivos comunes; todo ello, produce un efecto multiplicador (Rodríguez Villasante, 1997) que alcanza a toda nuestra persona, a toda nuestra vida.

Vargas (2008) propone la creación y fomento de redes como un principio y estrategia singular para este intercambio de información, conocimiento y experiencia. Actualmente, las posibilidades y modos de consolidación de redes son numerosas considerando el espacio virtual que nos ofrece Internet. Igualmente, el asociacionismo es una de las piezas fundamentales que tenemos las mujeres para romper la inercia que, a lo largo de la historia, nos ha circunscrito al ámbito de lo privado, individual y aislado. A través del movimiento asociativo se han alcanzado logros fundamentales: creación de redes de apoyo, recuperación de la autoestima, lucha contra la violencia de género, lucha por las libertades, por el empleo, la democracia, la solidaridad..., desarrollando nuevas formas de participación *para, con y desde las mujeres*.

En esta línea, la Carta Europea para la Igualdad de Mujeres y Hombres en la vida local (2012) indica:

La igualdad de mujeres y hombres es un derecho fundamental para todas las personas y constituye un valor capital para la democracia. La sociedad democrática no se puede permitir ignorar la capacidad, los conocimientos, la experiencia y la creatividad de las mujeres.

Por ello, es fundamental la participación de las mujeres en espacios públicos donde se hace “política informal” y donde se construyen tejidos sociales solidarios de la vida cotidiana, para aprender y demostrar habilidades de gestoras sociales para el mejoramiento de las condiciones de vida del vecindario, del barrio...

Un ejemplo de acción positiva del asociacionismo y participación de las mujeres se tiene en el Consejo Municipal de las Mujeres de Córdoba (en adelante, CMM), creado en el año 2000 como máximo órgano de participación democrática de las mujeres en el Ayuntamiento, facilitando el diálogo permanente entre las organizaciones y asociaciones de mujeres. Este organismo goza de autonomía con respecto a la corporación local. Su objetivo fundamental es trasladar al municipio las necesidades y propuestas hechas por las asociaciones de mujeres. La creación de grupos de trabajo, jornadas de participación, creación del Plan Transversal de Género (para que la perspectiva de género se desarrolle en todas las áreas municipales), creación de la Comisión de Seguimiento... han sido algunos de los resultados que a lo largo de estos últimos once años han

ido consolidando el CMM. Uno de los logros más relevantes de este órgano fue la creación de la Casa de la Igualdad como sede del CMM, espacio de reuniones, formación, encuentro...Aunque actualmente, todavía no funciona para los objetivos que fue creada.

- e. **Necesidades relacionadas con el Estado de Bienestar Social.** El desarrollo del Estado de Bienestar -servicios de atención a la infancia, a las personas mayores...- tiene una concreción importante en la Ley de Dependencia que como dice en su preámbulo: “Los cambios en el modelo de familia y la incorporación progresiva de casi tres millones de mujeres -en la última década- al mercado de trabajo, introducen nuevos factores en esta situación que hacen imprescindible una revisión del sistema tradicional de atención para asegurar una adecuada capacidad de prestación de cuidados a aquellas personas que los necesitan”. Lucía Mazarrasa (2011, pp. 67-68) mantiene que:

El cambio del papel social de las mujeres fuerza la redistribución por sexos del empleo (de 1976 a 2006 las mujeres hemos pasado de ser el 28,4% al 40,4% de la población ocupada y del 30,9% al 56,9% de las personas en paro). Sin embargo, el reparto familiar y social del trabajo doméstico sigue recayendo en las mujeres, especialmente, de la parte imprescindible de él que constituye el cuidado de las personas dependientes. [...] Las mujeres seguiremos cuidando en exclusividad, y esto en principio no tendría nada de negativo si no fuera porque, muchas veces, en las condiciones en las que se hace, supone renuncias y carencias para las oportunidades de desarrollo de las propias mujeres.

El desarrollo de esta ley tiene una gran relevancia para las mujeres por tres motivos:

- a) como usuarias, porque alivia la carga doméstica de trabajo no retribuido que recae sobre las mujeres y mejora su calidad de vida.
- b) como trabajadoras, porque es muy intensivo en la creación de empleo, especialmente accesible a las mujeres.
- c) como ciudadanas, porque evidencia que el punto de vista de género incide en cuáles son las prioridades domésticas.

Pero bajo el paraguas de la crisis económica se han empezado a recortar si no a eliminar los presupuestos dirigidos al desarrollo de esta ley. Así,

estamos viviendo una realidad social, en donde se evidencia cada vez más que avanzamos hacia un retroceso en la igualdad entre mujeres y hombres; retroceso que se advierte en todas sus manifestaciones como está siendo el desmantelamiento del Estado de Bienestar: salud, educación, trabajo, asuntos sociales... y que está volviendo a hacer recaer en las mujeres, tareas propias de los Servicios Sociales. Estos derechos, recogidos en la Constitución, conforman la esencia de la igualdad de oportunidades. Sólo con el desarrollo de los mismos se puede garantizar la democracia real, la paz y la justicia social.

Entendemos que cuando se restringen los presupuestos correspondientes, cuando se reduce el apoyo institucional, repercute directamente en el Estado de Bienestar y por tanto, contra los derechos de las mujeres.

Tras la justificación de las necesidades expuestas, planteamos una propuesta educativa que sitúe a las mujeres en el centro de la actuación alfabetizadora y posibilite el replanteamiento de la estructura patriarcal ofreciendo una mirada diferente de la realidad y tomando conciencia del potencial transformador de las mujeres.

2. POR UN MODELO DE EDUCACIÓN QUE FACILITE UNA ACCIÓN TRANSFORMADORA

Como apuntamos en la introducción, apostamos por una sociedad alfabetizada y crítica. Para ello es necesario emprender y consolidar políticas educativas que garanticen: una educación pública y universal en la población infantil para prevenir el fracaso escolar, el abandono y el analfabetismo; mantener la alfabetización de personas adultas y ampliar acciones formativas que den continuidad a los procesos alfabetizadores, así como, una formación permanente del profesorado (Castellat Falcón, 2005).

Si bien es cierto que los porcentajes de analfabetismo en cada decenio van descendiendo, nos encontramos todavía con cerca de 793 millones de personas adultas que carecen de las competencias básicas de lectura y escritura; es decir, una de cada cinco personas adultas no saben leer ni escribir y dos tercios de ellas son mujeres⁴. Esta cifra se mantiene debido,

4. UNESCO (2011). ALFABETIZACIÓN PARA LA PAZ. Recuperado de: http://portal.unesco.org/geography/es/ev.php-URL_ID=14587&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

fundamentalmente, a que las causas que generan este fenómeno han sido desatendidas o atendidas débilmente; por otro lado, las mujeres están más seriamente afectadas que los hombres por esta problemática (el 35% de mujeres frente al 20% de hombres) (Castellat Falcón, 2005). El analfabetismo se manifiesta con mayor intensidad en los países pobres. No es un secreto que detrás de este problema operan estructuras económicas, formas y niveles de producción que no responden a los intereses de toda la sociedad, sino a grupos minoritarios, que se enriquecen explotando a amplias masas.

Siguiendo el análisis de Castellat Falcón (2005) sobre la situación del analfabetismo en el mundo, la consolidación del modelo neoliberal, el incremento de las desigualdades en la distribución de la riqueza, el aumento de la pobreza en el ámbito mundial, la crisis económica permanente del capitalismo, la deuda externa, la carrera armamentista... reafirman hoy la causa de la presencia todavía del analfabetismo, como máxima expresión de la discriminación. Ya Federico Mayor Zaragoza planteaba en su Informe a la Conferencia Mundial de Educación para Todos, celebrada en Tailandia en 1990, que:

...el analfabetismo inhibe el progreso y la productividad, impide el avance cultural y espiritual y facilita la dependencia crónica de sociedades enteras. Los problemas que emanan del analfabetismo, constituyen las razones integrales del ciclo permanente de pobreza y subdesarrollo que aflige a muchas ciudades del mundo.

Coincidimos con Castellat al afirmar que el analfabetismo es una brutal expresión de sometimiento y discriminación para las personas que lo sufren. En esta misma línea, Paolo Freire plantea que la educación como acto, tiene sustantividad en la instancia pedagógica entendida en su dimensión global: política, ética, estética e histórica. No puede existir una educación política y otra no política efectuada simplemente por la proclamación de una “pedagogía idealizada” o “neutra” desde una oficina del Ministerio de Educación, desligada del tiempo y del espacio. Tampoco puede existir una educación sin conocimiento, sin una teoría que la dirija y sin unos contenidos específicos (Araujo Freire, 2003).

No puede existir una verdadera educación liberadora sin la dimensión ético-estético-amorosa. De esta manera, cobran un lugar privilegiado las

emociones y los sentimientos, los cuales humanizan y conducen a un mundo mejor y más bello; es decir, más igualitario, más democrático. Para Edgar Morin (2001), lo humano permanece cruelmente dividido, fragmentado en pedazos de un rompecabezas que perdió su figura, siendo la totalidad de las dimensiones humanas las que caracterizan la condición humana, las que existen dentro escondidas, en constante movimiento dialéctico en lo más íntimo de las personas, dinamizándolas auténticamente como a seres únicos e integrales, en tanto sienten, piensan, actúan... Y no como personas alienadas de sí mismas y del mundo. Paolo Freire apuesta por sentir las emociones (una cualidad adjudicada a las mujeres y, por tanto, no valorada) como una condición necesaria aunque no suficiente, para pensar y actuar. También apuesta por el amor y la rabia. La rabia o la indignación que denuncian y el amor que posibilita anunciar lo nuevo, el sueño, la utopía (Freire, 2001).

La filosofía educativa de Freire se puede condensar en la generación de una conciencia crítica en las personas humanas como base para hacerlas optimistas; en llevarlas a ser conscientes de que se puede transformar la realidad y es factible vencer el pesimismo. Su pedagogía, es una llamada a la necesidad de la utopía, a la tarea de construir “propuestas de posibilidad”, a no conformarse pensando que la realidad fue y es siempre así. Sus líneas de acción se basan en la importancia del diálogo, en la necesidad de construir espacios educativos en los que la otra persona se sienta valorada y aceptada; algo que se convierte en condición indispensable para una educación dialógica en donde la cooperación entre las personas se imponga a las jerarquías.

Creemos que es fundamental la educación liberadora en el aprendizaje alfabetizador, ya que aspira a ser posibilitadora de cambios para mejorar y transformar, no solo a las personas sino al contexto en el cual viven. Tanto Morin como Freire coinciden en concebir el contexto como texto: “Se aprenden los conceptos porque se utilizan dentro del contexto de una comunidad social donde adquieren significación” (Pérez Gómez, 1998, p. 263). En este sentido, como repetidamente el mismo Freire evidenció, *la educación no cambia el mundo, cambia a las personas que van a cambiar el mundo.*

Para lograr esta educación transformadora, entendemos que ha de abordar distintas vertientes complementarias, entre las cuales podemos mencionar las siguientes:

- **personal**, con el desarrollo fundamental del autoconcepto, autoestima y autonomía;
- **social**, posibilitando la interacción con otras personas, creando redes y participando en el entorno, constituyéndose, así, en ciudadanas de primera categoría;
- **educativa**, con un carácter marcadamente intencional para desarrollar la capacidad de análisis –qué pasa y por qué pasa- y así poder actuar;
- **económica**, para posibilitar empleo con exigencias de derechos, ejerciendo con autonomía las distintas tomas de decisiones que requiere el desarrollo profesional;
- **cultural**, para poder poner nombre al mundo;
- **local**, para conocer el medio en el que se vive y poder actuar en el mismo.

Desde este enfoque, enseñar y aprender se convierten en un diálogo que se resume muy bien en la idea desarrollada por Freire (1997) cuando señala que: “nadie educa a nadie pero nadie se educa solo, todos y todas aprenden en comunicación con el mundo”. Así pues, entendemos que un aprendizaje significativo sólo se puede dar cuando se convierte en una experiencia de cambio personal, lo que sería un proceso germinativo desde dentro. La enseñanza es significativa cuando, en quien enseña se da también ese cambio: su mirada percibe al otro u otra, como una persona con historia, con saber, con singularidad, y no como un objeto para adecuarla o medirla según unos modelos educativos abstractos y uniformes. En esta línea, el aprendizaje ha de ser relevante para su propia vida, entendiéndolo como aquel que, por su importancia y por su utilidad, provoca la reconstrucción de sus esquemas básicos de partida, incorporando contenidos y estrategias más elaborados y críticos (Freire, 2003, 2008; Pérez Gómez, 1998 y 2003).

El trabajo a desarrollar en el aprendizaje de las mujeres se ha de fundamentar en el cuidado de las relaciones, el deseo de conocerse y de reconocer el mundo, encontrando tiempo y palabras en común para plantear grandes preguntas. Se han de compartir experiencias vitales tan incorporadas en la realidad de las mujeres, convertidas todas ellas en conocimientos que han contribuido al desarrollo de las capacidades humanas, sin las cuales no se podría vivir y que dan respuesta a las demandas de la vida cotidiana en sus

distintas facetas: el cuidado de la vida de las personas, la distribución de la economía doméstica, la inteligencia intuitiva, la creatividad, la capacidad de mediación y resolución de conflictos, el aprovechamiento y conservación de recursos, la vocación de tejer redes participativas, el saber priorizar... Se basa en un saber de la experiencia viva, “saber que se sabe” (Piussi y Bianchi, 1996), que ningún saber experto puede reemplazar. Todo esto no parece tener valor en la sociedad actual, patriarcal y capitalista, entre otras cosas porque no tiene un reconocimiento económico y porque este reconocimiento supondría dar valor, dar la palabra a un alto porcentaje de la población que ha estado ausente y silenciada en la esfera social y pública y que podría cuestionar el *status quo* del sistema. ¿Podríamos imaginar cómo cambiaría la realidad social-económica-política-cultural si a esta parte de la población se le diera voz?

3. LA CONSTRUCCIÓN DE CONOCIMIENTOS A PARTIR DE LA PARTICIPACIÓN

Nuestra propuesta alfabetizadora la concretamos en tres ejes básicos que han de estar presentes de manera transversal a lo largo de todo el proceso alfabetizador: re-situar a las mujeres frente a sí mismas, frente a los demás y frente a la sociedad. Entendemos que, para lograr con éxito este propósito, es necesario tener como elementos fundamentales: el diálogo, el análisis del contexto y la participación.

La educación transformadora tiene en el **diálogo** su principal herramienta (Flecha, 1997; Elboj y Flecha, 2002; Freire, 2003; Arrufat, 2004; Martíns de Castro, 2006; Serrano, Mirceva y Larena, 2010). La palabra entendida como expresión del mundo interior y personal no puede desarrollarse en soledad, sino que debe estar ligada a la reflexión y a la acción a través del proceso formativo que ha de llevar a una práctica crítica, constructiva y transformadora. Partimos de un saber distante de la construcción científica que ha sido habitual y que se presentaba como única fuente del saber, alejándonos de la creación del pensamiento propio, de la libertad, de ser irrepetibles.

Este proceso dialógico ha de llevar a prácticas de participación ciudadana en las que las mujeres aporten conocimientos que, hasta hoy, se reconocen como

actitudes “naturales” y que nosotras reivindicamos como competencias a aprender. Así, el “estar ahí”, por ejemplo, es algo atribuido tradicionalmente a las mujeres como un elemento natural –carente de valor y no reconocido- para dar seguridad, respuesta, afecto...y que entendemos debe concebirse como una contribución irremplazable para el sustento de la sociedad en general.

Otro elemento básico para desarrollar una alfabetización crítica es el **análisis del contexto** desplegando, para ello, las capacidades de análisis y crítica de la realidad individual y social en aras a elaborar propuestas que corrijan las discrepancias entre la realidad deseada y la que es. Esta lectura ha de reforzar la valoración de lo que se tiene y es positivo -con lo cual se ha de mantener- al tiempo que se critica lo negativo y se elaboran y proponen soluciones alternativas. En el proceso de este análisis es importante redescubrirse y aprender a tomar conciencia del mundo que nos rodea reflexionando sobre él y participando activamente para cambiarlo.

La **participación** se convierte, por tanto, en otro pilar fundamental para valorar lo que significa la presencia de las mujeres en los ámbitos socioeducativos (Vázquez, 2011; Rodríguez y Navarro, 2012). Puesto que la participación de éstas se ha concentrado, principalmente, en asuntos y necesidades básicas cotidianas de la familia y la comunidad, ha sido a raíz de esta participación desde la que han surgido los temas generadores que presentamos en el siguiente apartado.

En esta misma línea, queremos subrayar la importancia de desarrollar la capacidad de tejer redes, entrelazar recursos, deseos y necesidades, prácticas sociales todas ellas que hasta el momento no han tenido el reconocimiento oportuno. El proceso formativo que aquí planteamos ha de potenciar el asociacionismo como base para el desarrollo de la participación de las mujeres en la sociedad.

4. MÉTODO

En el I Plan para la Igualdad de Oportunidades para las Mujeres (1988/1990) se establecía como objetivo “*adecuar la Educación Permanente a las necesidades e intereses de las mujeres*”. Uno de los elementos básicos para el logro de este objetivo es la elaboración de materiales didácticos que respondan a las experiencias y conocimientos de las mujeres haciéndolos visibles y poniéndolos en valor (Contreras, Cremades, García, Montoya y Rubio, 1992).

En este sentido, una buena práctica de participación democrática ha sido, como decíamos anteriormente, la creación del Consejo Municipal de las Mujeres de Córdoba (2000) y que puede servir de ejemplo, en el inicio del proceso de acción política en el espacio público para lograr la igualdad real entre mujeres y hombres. El funcionamiento de éste se articula en torno a dos órganos principales: la Asamblea, constituida por todas las representantes de las distintas asociaciones de mujeres y la Comisión Permanente, integrada por seis mujeres elegidas democráticamente, además de las representantes sindicales y de los partidos políticos de la corporación local. Se constituye, de este modo, como el órgano de representación máxima de las asociaciones y organizaciones de mujeres en la política municipal. Supone, así, la voz y opinión de éstas en los distintos ámbitos de la vida de la ciudad.

Esta propuesta alfabetizadora nace en el marco de una investigación participativa, mediante la cual las mujeres se organizaron en torno a problemas concretos de la comunidad. El proceso de participación comienza con una finalidad clara: dar la palabra y la voz para conocer las necesidades y demandas a través de las asociaciones y organizaciones de mujeres de Córdoba con el objetivo de que sean incorporadas en los distintos ámbitos de actuación del municipio. Para ello, la Comisión Permanente del CMM se traslada a los distintos distritos de la ciudad en los cuales pone en marcha el siguiente proceso:

- 1) Reuniones con las Asociaciones de Distrito: las mujeres señalan, individualmente y por escrito, sus demandas y las van colocando en distintos paneles que se corresponden con diferentes ámbitos de intervención social. Una vez recabadas todas las aportaciones, son leídas identificando cuáles son las más solicitadas en su distrito.

- 2) Posteriormente, en Asamblea General se recogen todas las aportaciones/demandas que se han hecho en los distintos distritos para que se prioricen las diez demandas más solicitadas y que más adelante, se llevarán al municipio para que las distintas delegaciones las tengan en cuenta y las incorporen en sus respectivas agendas.
- 3) Una vez identificados los ámbitos prioritarios de actuación, se crean Grupos de Trabajo relativos a éstos, para estudiarlos e ir profundizando sobre los aspectos prioritarios de los mismos. Cada grupo, constituido por cinco o seis mujeres del CMM, trabajó con total autonomía desarrollando sus propias estrategias de actuación.

Todo este proceso culmina en el II Encuentro de Participación de las Mujeres en Córdoba (2007). En él se organizaron diferentes talleres que profundizaron en los ámbitos de:

- **Urbanismo, transporte, vivienda e infraestructura.**
Del informe que se elaboró, destacamos el apartado donde se dan a conocer los barrios a los que las mujeres se desplazan con más frecuencia desde sus domicilios; las peticiones de ampliación de los horarios de autobuses y/o el establecimiento de un bus circular; la urgencia de una intervención rápida en las líneas de transporte de la periferia. En cuanto a los equipamientos públicos, la falta de espacios para jóvenes; exceso de ruidos en algunas zonas, falta de limpieza en otras, etc.
- **Cultura y educación.**
Se centra en aumentar los recursos para Educación de Personas Adultas, especialmente en los distritos Sur y Moreras-Palmeras; ampliar la capacitación profesional y acceso a la Universidad; que las actividades culturales no se queden circunscritas al centro de la ciudad sino que se trasladen a los distintos distritos; etc.
- **Formación y empleo.**
Se ve necesario hacer seguimiento en todas las empresas municipales de Planes de Igualdad que garanticen medidas reales de apoyo a las mujeres; diseñar cursos de formación ocupacional adaptados a las demandas reales del mercado de trabajo; fomentar la formación de las mujeres en las nuevas tecnologías; incentivar líneas de apoyo al empleo para mujeres jóvenes; etc.

- **Mujeres en vías de exclusión social.**

A partir de entrevistas informales en la calle se recaba información de las mujeres concretándose las demandas en: fomentar la motivación e interés de aquellas mujeres que tienen un nivel educativo más bajo; facilitar clases en horario y condiciones que se adapten a sus necesidades; creación de Escuelas de Madres; campañas informativas sobre planificación familiar; etc.

- **Violencia de género.**

Desde el CMM se apoyan las actuaciones emprendidas desde la Plataforma Cordobesa contra la Violencia a las Mujeres.

El resultado de la investigación realizada por cada uno de los grupos de trabajo posibilitó conocer la realidad inmediata, vida cotidiana, experiencias, conocimientos y valores de las mujeres de Córdoba, especialmente, de los distritos con más necesidades socio-económicas. Se hizo un documento en donde, de manera pormenorizada, aparecía el estudio completo. Se aprobó en Asamblea del CMM con el compromiso de hacerlo llegar a cada una de las delegaciones municipales para su conocimiento e incorporación en sus respectivas políticas; así como, el compromiso de convocar el Plan Transversal de Género, las III Jornadas de Participación de las Mujeres y la puesta en funcionamiento de la Casa de Igualdad.

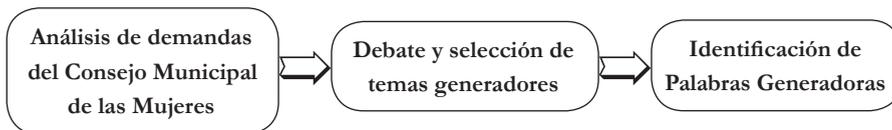
Esta experiencia de participación desarrollada en el CMM de Córdoba se comparte con alumnado de la Facultad de Ciencias de la Educación de la Universidad de Córdoba en la asignatura Intervención Psicopedagógica de Educación de Personas Adultas -de la licenciatura de Psicopedagogía- y se trabaja en el módulo de Alfabetización Crítica. Con el objetivo de *aplicar la teoría a la práctica* se propone al alumnado la elaboración de un recurso didáctico dirigido al colectivo de mujeres que tenga como punto de partida las demandas realizadas por ellas. Era una apuesta que pretendía aproximar los conocimientos académicos a los experienciales. Queremos destacar la valoración positiva que el alumnado de la asignatura hizo de este trabajo porque “se sentían que estaban colaborando en un proceso de alfabetización crítica”. Por nuestra parte, nos comprometimos a dar constancia de esta cooperación.

Este planteamiento logra el compromiso de un grupo de alumnos y alumnas de esta asignatura que se vinculan voluntariamente al desarrollo de lo que será

el proceso alfabetizador. Para la elaboración de dicho recurso didáctico, se le facilita al grupo el documento que se había redactado en la Asamblea general del CMM. A partir de dicho documento, el alumnado debía seleccionar los temas generadores que se definen por las siguientes características:

- reflejar la realidad de este grupo social
- ser de uso práctico para las mujeres
- ser problematizadores y
- generar procesos de cambio

Teniendo en cuenta estos criterios, y para concluir con la selección de palabras generadoras, se siguieron las siguientes pautas:



El proceso seguido, en cada uno de los equipos (en torno a cinco personas), concluye con las siguientes palabras que se utilizarán en el aprendizaje lecto-escritor. En el momento de revisión y sistematización de dichas palabras hemos considerado necesaria la incorporación de alguna palabra para garantizar la presencia del alfabeto completo (huelga, kilo y web).

PALABRAS GENERADORAS			
• piso	• mujer	• paro	• sexualidad
• dinero	• compañera	• huelga	• web
• familia	• barrio	• voto	• marginación
• hipoteca	• escuela	• paz	• violencia
• ayuda	• autobús	• salud	• igualdad
• chiquillo	• trabajo	• kilo	

El hecho de trabajar con palabras generadoras, que han partido de las necesidades y experiencias previas de las mujeres, posibilita procesos de autodesarrollo. Cuando hay divorcio entre la educación y la realidad, entre el texto y el contexto, el proceso de alfabetización es “artificial y paternalista”. Esta metodología, en su sentido más amplio, potencia procesos de desarrollo cognitivo y afectivo y dota de instrumentos suficientes para que las mujeres

conozcan e interpreten de manera autónoma el entorno en el que viven. El proceso alfabetizador ayuda a aproximarse, cada vez más a la resolución de los problemas concretos de las mujeres (García y González, 1992).

4.1. Orientaciones para trabajar las palabras generadoras en el proceso de alfabetización

Antes de describir la dinámica a seguir con el grupo de mujeres, consideramos necesario realizar algunas indicaciones, a modo de guía, para el mejor uso de esta herramienta didáctica. El texto alfabetizador se presenta estructurado con el siguiente formato:

1. Imagen
2. Palabra generadora
3. Descomposición de la palabra en sílabas
4. Cuadro de distribución de sílabas y vocales, con el objetivo de ir creando nuevas palabras uniendo las distintas vocales con cada una de las sílabas de la palabra generadora. De estas palabras se irán eliminando aquellas que carecen de significado.
5. Configuración de la primera frase a modo de ejemplo.
6. Listado de palabras derivadas.
7. Ejemplificaciones de frases construidas a partir de la nueva palabra.
8. Ejercicios de aplicación y refuerzo.

El orden en que presentamos las diferentes palabras puede ser modificado en función del grado de dificultad, de los conocimientos previos que cada una requiere para su desarrollo y de los diferentes contextos del grupo.

Reunido el grupo de mujeres que van a trabajar con este texto de alfabetización, ¿cuál sería el proceso a seguir?

En primer lugar, se representa la palabra generadora por una imagen significativa y próxima a su realidad, a partir de la cual se establece el diálogo con el grupo-clase de mujeres para que dicha palabra sea reconocida

y valorada como algo importante, cercano a sus intereses. Se promueve así, la problematización y la participación. El planteamiento de interrogantes es sugerido inicialmente por la profesora o profesor y, posteriormente, se establece un diálogo cuyo elemento central estará en esa imagen que define la palabra.

Con la imagen a la vista, y para orientar el trabajo con el grupo, se intentará que éste pueda ponerle un nombre a la imagen, o sea, buscar una palabra que permita ubicar el tema principal. Se trata de relacionar el tema de la imagen con la palabra necesaria para el momento posterior del aprendizaje de la lectura. Es importante estimular al grupo para que descubra, por sí mismo, la palabra, pues es motivador un primer logro en el proceso de aprendizaje como resultado de su propio esfuerzo y capacidad. Debe insistirse en que la propuesta metodológica de la cual partimos destaca la participación de las mujeres para adjudicar a éstas el papel protagonista en su aprendizaje.

Para promover el diálogo en el grupo, en la siguiente tabla, se ofrecen sugerencias que facilitan el planteamiento de interrogantes para la discusión, la generación de nuevas ideas y temas problematizadores que favorecerán la toma de conciencia de la realidad en la que viven las mujeres y cómo pueden participar en la transformación de la misma.

Palabra generadora	Interrogantes para la discusión	Generación de nuevas ideas
Piso	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Cómo es tu piso? <input type="radio"/> ¿Son baratos los pisos de tu barrio? <input type="radio"/> ¿Antes había casas en tu barrio? <input type="radio"/> ¿Todos los pisos de tu barrio son iguales? 	Vivienda, alquiler, derecho a la vivienda, dignidad, habitabilidad, hacimiento, ruido, seguridad, vecino, barrio, calle, limpieza.
Dinero	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Qué importancia tiene el dinero en tu día a día? <input type="radio"/> ¿Quién administra el dinero en tu casa? <input type="radio"/> ¿Crees que gastas más de lo que necesitas? 	Crisis, consumo, pobreza, ricos/pobres, bancos, delincuencia, robo, deuda, solidaridad, trueque.
Familia	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Cuántos sois en vuestra familia? <input type="radio"/> ¿Cómo te sientes cuando estás con tu familia? <input type="radio"/> ¿Te sientes valorada en tu familia? <input type="radio"/> ¿Qué piensas de las nuevas formas de familia? 	Corresponsabilidad, colaboración, reparto de tareas, familias con problemas, diferentes tipos de familia, estabilidad emocional, amor, apoyo, cuidado, autoestima, seguridad, respeto.
Hipoteca	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Conoces a alguien que tenga hipoteca? <input type="radio"/> ¿Qué dificultades estás encontrando para pagar la hipoteca? <input type="radio"/> ¿Qué te piden en el banco para darte una hipoteca? <input type="radio"/> ¿En tu barrio ha habido algún desalojo de vivienda? 	Compra de vivienda, deuda banco, consumo, estrés, sueldo/hipoteca, desempleo, desahucio.
Ayuda	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Qué personas de tu entorno necesitan ayuda? <input type="radio"/> ¿Ayudas a alguien de tu familia? ¿Compartes esta ayuda con alguna otra persona? ¿Con quién? <input type="radio"/> ¿Quién es la persona que más te ayuda en casa? 	Corresponsabilidad, cuidado, amor, solidaridad, autoestima, servicios sociales, dependencia, autonomía, bienestar social, compañía, soledad, redes sociales.

Chiquilla-chiquillo	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿A qué jugabais cuando erais niñas? <input type="radio"/> ¿Quién era vuestro mejor amigo o amiga de niña? <input type="radio"/> ¿Te sentías feliz cuando eras una niña? <input type="radio"/> ¿Qué diferencias crees que hay entre niños y niñas? 	Guardería, escuela, rebeldía, desarrollo, juego, pelea, acoso, diversión, amistad, felicidad, familia, entorno, calle.
Mujer	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> Tradicionalmente, las mujeres se han ocupado del cuidado de la familia y del hogar, ¿a qué crees que es debido? <input type="radio"/> ¿Cómo son las mujeres que viven en tu barrio? <input type="radio"/> ¿Piensas que hay diferencias entre hombres y mujeres? 	Redes de apoyo, estereotipos y roles de género, discriminación, mujeres y hombres: ¿diferentes? ¿iguales?, abuelas/madres/hijas.
Compañera-compañero	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> En el trabajo, ¿te respetan tus compañeros? ¿qué es lo que más valoras de ellos? <input type="radio"/> ¿Qué piensas de la vida en pareja? <input type="radio"/> ¿Te sientes valorada por tu compañero o compañera? <input type="radio"/> ¿Te sientes querida? <input type="radio"/> ¿Qué crees que es fundamental para convivir en pareja? 	Respeto, igualdad, convivencia, autoestima, amor, sentimientos, emociones, realización personal, solidaridad, felicidad, violencia, reparto de tareas.
Barrio	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Qué opinas sobre el estado de las calles de tu barrio? <input type="radio"/> ¿Tiene zonas verdes? <input type="radio"/> ¿Hay seguridad, limpieza...? <input type="radio"/> ¿Hay escuela, guardería, biblioteca, centro para mayores...? 	Vecinas, asociación, centros cívicos, transporte, barreras, alumbrado, limpieza, zonas de ocio (ludoteca, polideportivo, cine, teatro, parques...), actividades culturales, seguridad, calle, huertos urbanos.
Escuela	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Fuiste a la escuela? ¿Cuánto tiempo estuviste? ¿Por qué la dejaste? <input type="radio"/> ¿Por qué has querido volver a la escuela? <input type="radio"/> ¿Cómo era la relación con tus maestras y maestros? 	Derecho a la educación, escuela pública, escuela laica, relaciones, aprender, realizarse, respeto a la diferencia, diálogo, escuela de personas adultas, formación profesional, beca, coeducación, escuela de madres y padres.

<p>Autobús</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ ¿Existen suficientes líneas de autobús en tu barrio? ○ ¿Qué ventajas tiene el uso del autobús? ○ ¿Te comunican bien con otros barrios? 	<p>Movilidad, comunicación, medio ambiente, servicios públicos, bonobús, horarios, precios, accesibilidad.</p>
<p>Trabajo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ ¿Tienes empleo? ¿Piensas que las mujeres tienen más dificultades para encontrar un trabajo? ○ ¿Piensas que la formación ayuda a encontrar trabajo? ○ ¿Está bien pagado tu trabajo? ○ ¿El horario laboral es compatible con tu vida personal y familiar? 	<p>Derecho al trabajo, paro, sueldo, discriminación laboral hombre/mujer, conciliación, discapacidad, condiciones laborales, reconocimiento y satisfacción profesional, formación a lo largo de la vida, orientación profesional.</p>
<p>Paro</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ ¿Has estado alguna vez parada o conoces a alguien cercano que lo esté? ○ ¿En qué edades consideras que está más extendido el paro? ○ ¿Qué consecuencias tiene estar parada? ○ ¿Qué soluciones propondrías para disminuir la situación de paro? 	<p>Formación, ayudas, buscar empleo, juventud, mujeres, inmigrantes, personas con discapacidad, prestaciones sociales, orientación e información, pleno empleo, oficina de empleo, salarios dignos.</p>
<p>Huelga</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ ¿Piensas que la huelga es necesaria? ○ ¿Qué motivos piensas que justifican la huelga? 	<p>Derechos de las personas trabajadoras, explotación, trabajo y salario dignos.</p>
<p>Voto</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ ¿Sabías que nuestra Constitución garantiza el derecho al voto? ○ ¿Cuáles son las ventajas de poder votar? ○ ¿Sabes para qué votamos? 	<p>Democracia, libertad, participación, ciudadanía, Constitución, Estado, Comunidad Autónoma, Municipio.</p>
<p>Paz</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ ¿Qué es para ti la paz? ○ ¿Cómo favoreces tú la paz? ○ ¿En tu entorno próximo hay paz? 	<p>Derechos Humanos, conflictos, convivencia, respeto, tolerancia, valores.</p>

Salud	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Qué es para ti una persona sana? <input type="radio"/> ¿Cómo cuidas tu salud? ¿Qué necesitarías para mejorarla? <input type="radio"/> ¿Qué piensas de nuestros servicios de salud? ¿Hay centros de salud en tu barrio? <input type="radio"/> ¿Piensas que abusamos de los medicamentos? 	Reconocerse, quererse, felicidad, cariño, relación, respeto, cuidado, higiene, alimentación, deporte, sexualidad, comunicación, medio ambiente, centro de salud, sanidad pública, estado de bienestar.
Kilo	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Te sientes bien con tu peso? <input type="radio"/> ¿Controlas la cantidad de alimentos que consumes? <input type="radio"/> ¿Haces algún ejercicio físico para mantener un peso equilibrado? 	Obesidad, anorexia, salud, deporte, alimentación, autoestima, consumo, dieta sana.
Sexualidad	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Qué es para ti la sexualidad? <input type="radio"/> ¿En tu casa se hablaba de este tema? ¿Se trataba lo mismo con chicos que con chicas? <input type="radio"/> ¿Qué aprendiste en la escuela sobre el sexo? 	Afecto, sentimientos, cariño, salud, amor, autoestima, respeto, tópicos y estereotipos, educación sexual, menopausia, madurez.
Web	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Sabes manejar Internet? ¿Qué páginas web conoces? <input type="radio"/> ¿Tienes ordenador en casa? ¿Es fácil para ti manejar el ordenador? 	Nuevas tecnologías, ordenador, internet, redes sociales, comunicación, televisión, radio, formación.
Marginación	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> ¿Qué es para ti estar marginado? ¿Quiénes piensas que están marginados? <input type="radio"/> ¿Te has sentido alguna vez marginada? <input type="radio"/> ¿Os habéis sentido alguna vez marginadas por ser mujeres? <input type="radio"/> ¿Pensáis que vuestro barrio está marginado? ¿Por qué? 	Pobreza, exclusión, inmigración, discriminación, desprecio, miedo, ayuda, Ley de Dependencia.

<p>Violencia</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ ¿Crees que las personas son ahora más violentas? ○ En vuestra vida cotidiana, ¿habéis vivido situaciones de violencia? ¿Cómo os habéis sentido? ○ ¿Qué soluciones plantearías al problema de la violencia contra las mujeres? 	<p>Seguridad, violencia de género, prevención, formación, ayuda, policía, sumisión, poder, aislamiento, culpa, redes de apoyo, leyes.</p>
<p>Igualdad</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ ¿Hay igualdad en el trato de mujeres y hombres en la sociedad? ¿Por qué? ○ En un mismo trabajo, ¿por qué crees que el hombre, en muchas ocasiones, cobra más que la mujer? ○ ¿Cómo crees que se puede alcanzar la igualdad entre mujeres y hombres? 	<p>Paridad, machismo, solidaridad, diferencia sexual, educar en igualdad, leyes, compartir, corresponsabilidad, discriminación.</p>

Una vez que la palabra generadora es vivenciada por el grupo de alumnas, mostramos la imagen junto a la palabra escrita y segmentada en sílabas:



paro
pa - ro

Es necesario asegurar que todo el grupo puede reconocer las sílabas antes de pasar a la siguiente etapa de aprendizaje. A continuación, se oculta la palabra y, conservando las sílabas a la vista del grupo, se explica que cada uno de esos “trozos” o sílabas tiene una familia. Inmediatamente, se escribe la familia de la sílaba.

	a	e	i	o	u
p	pa	pe	pi	po	pu
r	ra	re	ri	ro	ru

Posteriormente, se presenta el cuadro en el que se distribuyen las sílabas y vocales organizadas de forma desordenada para que las alumnas empiecen a relacionar vocales y sílabas que posibilitarán la creación de nuevas palabras generadoras que tengan tanto significado lingüístico como vivencial.

En el proceso, las alumnas van eliminando aquellas nuevas palabras que no tienen ningún significado. Con las nuevas palabras, construidas por ellas,

se irán elaborando frases y se irán realizando ejercicios de aplicación de la lectura sobre material accesible y de interés para el grupo.

Este carácter gradual que le damos al proceso de aprendizaje también revela la determinación de preservar el principio de participación planteado como sustento de este método.

Progresivamente, con el trabajo realizado, se irá ampliando el vocabulario y relacionando los distintos temas generadores hasta desarrollar nuevos escritos o pequeñas redacciones. En la medida en que se avance en el proceso de enseñanza-aprendizaje y se vayan reduciendo las dificultades emergentes en la lectura, es posible y recomendable pasar a tratar simultáneamente la escritura. Procuraremos, gradualmente, ir realizando ejercicios de aplicación de la escritura referidos a situaciones vitales del grupo y dirigidos a la resolución de necesidades, tales como escribir sus nombres y apellidos, nombre del lugar donde viven, solicitudes y formas habituales en los trámites burocráticos, cartas a familiares y amigos, etc. Actividades, en definitiva, que garanticen un aprendizaje diverso y relevante (Pérez Gómez, 2003).

Superado el paso inicial de alfabetización y con el fin de afianzar el aprendizaje inicial de lectura y escritura es necesario reforzar y continuar profundizando en textos que tengan una relación directa con las demandas y problemas de las personas adultas (Villanueva, 2006). Es importante enfatizar el carácter continuo del proceso alfabetizador. Con este recurso se inicia un proceso que necesita una formación continua para reforzar y asentar los conocimientos adquiridos, fundamentalmente, de la escritura y lectura comprensiva.

En esta línea, sugerimos algunas actividades de carácter general para el trabajo en el aula o espacio elegido para el trabajo (Equipo Signa, 1990; Contreras et al., 1992):

- Dialogar a partir de lecturas colectivas de imágenes expresando y respetando distintas opiniones o puntos de vista.
- Relacionar nuevas palabras y frases con las imágenes trabajadas.
- Leer y escribir palabras, frases y textos breves. Se pueden utilizar como apoyo los textos de Pastor (2011) y de Villanueva (2006).
- Ordenar palabras en frases con sentido; completar textos en los que faltan palabras; juegos de palabras; etc.

- Elaborar microrrelatos que ayuden a recrear el universo de palabras que hemos aprendido y trabajado en clase.
- Comprender refranes y coplas identificando y debatiendo en torno a roles y estereotipos de género.
- Cineforum con actividades previas al visionado de la película, durante la proyección de la misma y al finalizar ésta (véase texto de Segovia, 2007).

A lo largo del trabajo realizado con este texto alfabetizador las mujeres irán reinventando nuevas palabras y frases. Con ellas empezaremos a elaborar un texto, de *autoría compartida*, que nos servirá de refuerzo y lectura de nuestra realidad cotidiana.

Para la realización de las actividades sugeridas en el proceso de alfabetización es fundamental contar con una serie de recursos que sirvan de apoyo para el proceso de enseñanza-aprendizaje. Algunos materiales pueden ser: prensa, revistas, diccionarios, recursos tecnológicos, redes sociales, etc.

5. BIBLIOGRAFÍA

- Araújo Freire, A.M. (2003). *Preséncia de Freire ética, pedagogía i política*. Valencia: Editorial del CREC y Denes Editorial.
- Arrufat, M. (2004). Las “otras mujeres” y la Pedagogía de la Autonomía de Freire. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 18 (2), 45-58.
- Beltrán, J. (2011). El abecedario de la vida: relatos de alfabetización, entre la alienación y la emancipación. *Diálogos: Educación y formación de personas adultas*, 67/68, 43-51.
- Castellat Falcón, J.M. (2005). *Desde la alfabetización presencial al yo, sí puedo*. La Habana: Pueblo y Educación.
- Contreras, R.; Cremades, M.A.; García, P.; Montoya, M. y Rubio, E. (1992). *De otra manera. Cuadernos de educación de adultas*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia-Ministerio de Asuntos Sociales-Instituto de la Mujer.
- Elboj, C. y Flecha, A. (2002). Mujeres, aprendizaje dialógico y transformación social. *Contextos educativos*, 159-172.

- Equipo Signa (1990). *Método significativo de alfabetización de adultos*. Valencia: Nau Llibres.
- Flecha, R. (1997). *Compartiendo palabras: el aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Paidós.
- Freire, P. (1997). *Pedagogía del oprimido*. Madrid: Siglo XXI.
- Freire, P. (2001). *Pedagogía de la indignación*. Madrid: Morata.
- Freire, P. (2003). *Pedagogía de la autonomía* (8ª ed.). México: Siglo XXI.
- Freire, P. (2008). *El grito manso*. (2ª ed.). Madrid: Siglo XXI.
- INE (2011). *Mujeres y Hombres en España*. 2011. Recuperado de http://www.ine.es/ss/Satellite?param1=PYSDetalleGratis&c=INEPublicacion_C&p=1254735110672&pagename=ProductosYServicios%2FPYSLayout&cid=1259924822888&L=0.
- Martín de Castro, D. (2006). Comprensión crítica y aprendizaje dialógico: lectura dialógica. *Lectura y vida: Revista Latinoamericana de Lectura*, 27(1), 18-29.
- Mazarrasa Alvear, L. (2011). Impacto de género de la Ley de Dependencia desde el ámbito sanitario y de la salud. XXI Taller de Política Feminista, Salir de la crisis con más igualdad, (pp. 67-73). Madrid: Forum de Política Feminista.
- Morin, E. (2001). *Los siete saberes necesarios para la educación del futuro*. Barcelona: Paidós.
- Olivares, M.A. y Olivares, C. (2013). Impacto de los estereotipos de género en la construcción de la identidad profesional de estudiantes universitarios. *Revista de Orientación y Psicopedagogía*, 24(1), 121-131.
- Pastor, F. (2011). *Ya puedo leer. Método de aprendizaje de Lectura y Escritura para Neolectores. Libro I*. Madrid: Editorial Popular.
- Pérez Ferrando, M.V. (1996). *Trayectorias educativas en las personas adultas en orden a la Igualdad de Oportunidades*. Madrid: Instituto de la Mujer. Ministerio de Asuntos Sociales.
- Pérez Ferrando, M.V.; Olivares García, M.A.; Santofimia Membrillera, E. y León y Huertas, C. (2004). Perfil del alumnado de los centros de Educación de Personas Adultas en Córdoba. En A. García Velasco et al., *Estudios y reflexiones sobre la educación social*, 311-319. Málaga: Encasa.

- Pérez Gómez, A.I. (1998). *La cultura en la sociedad neoliberal*. Madrid: Morata.
- Pérez Gómez, A.I. (2003). *Más allá del academicismo. Los desafíos de la escuela en la era de la información y de la perplejidad*. Málaga: Universidad de Málaga.
- Piusi, A.M. y Bianchi, L. (1996). *Saber que se sabe. Las mujeres en la educación*. Barcelona: Icaria.
- Rodríguez, M.J. y Navarro, C.J. (2012). La feminización de la dinámica política municipal. El caso de los municipios españoles. *Revista Internacional de Sociología*, 70 (1), 181-201.
- Rodríguez Villasante, T. (1997). Del caos al efecto mariposa. En M.J. Cabello, *Didáctica y Educación de Personas Adultas*, 247-256. Archidona: Aljibe.
- Romans, M.M. (1981). *Así aprendemos los adultos*. Madrid: Popular.
- Sarasúa, C. (2011). La crisis fuera y dentro de los hogares. En AAVV, *Salir de la crisis con más igualdad*, 13-22. Madrid: Forum de Política Feminista.
- Segovia, N. (2007). *Aplicación didáctica de las actividades de Cineforum. Claves para trabajar con el cine en el aula*. Vigo: Ideaspropias Editorial.
- Serrano, M.A.; Mirceva, J. y Larena, R. (2010). Dialogic Imagination in Literacy Development. *Revista de Psicodidáctica*, 15(2), 191-205.
- Rosell Vaquero, M.D. (Dir.) (2012). *La mujer en el mercado de trabajo andaluz. 2011*. Sevilla: Observatorio Argos. Servicio Andaluz de Empleo. Junta de Andalucía.
- Vargas, G. (2008). Principios para una metodología de desarrollo comunitario local, participativo y sostenible en las comunidades rurales. *Diálogos. Educación y formación de personas adultas*, 55-56 (2-3), pp. 25-30.
- Villanueva, J.D. (2006). *Lectura y escritura para neolectores de educación de adultos*. Granada: Grupo Editorial Universitario.

SEGUNDA PARTE
PROPUESTA DE ALFABETIZACIÓN

La propuesta didáctica que presentamos a continuación es la concreción de la Primera Parte de esta investigación referente al proceso de alfabetización crítica. Queremos subrayar la importancia del carácter dialógico, problematizador y participativo, así como la flexibilidad que debe tener en su aplicación.

El contexto será el primer texto: conocer su barrio o pueblo, su situación personal, profesional, social y sobre todo, partir de sus necesidades que son las realidades que han de estar presentes para que las mujeres se sientan interpeladas, que forman parte de un grupo.

A continuación se desarrollan las propuestas didácticas correspondientes a cada una de las palabras generadoras. Las orientaciones metodológicas a tener en cuenta para la dinámica en el aula se describen de forma pormenorizada en el apartado 4 de la primera parte.



piso
pi - so

	e	o	u	i	a
p	pe	po	pu	pi	pa
s	se	so	su	si	sa

Pepa pasa a su piso.

paso	supe	puse
peso	papá	púa
sopa	soso	apio
pipa	pasea	pasa

Pepa se pasea.

Pepe puso su sopa.

Pío se pesa.



dinero
di - ne - ro

	i	e	o	a	u
d	di	de	do	da	du
n	ni	ne	no	na	nu
r	ri	re	ro	ra	ru

Da dinero para su piso.

dedo	duro	raro
dado	nido	radio
duda	nada	río
duna	nudo	oído
dona	nene	dorado

Pedí dinero a Rosario.

Puse dinero para su piso.

Su radio suena.

Sonia da dorada a Darío.



familia
fa – mi – lia

	i	e	o	a	u
f	fi	fe	fo	fa	fu
m	mi	me	mo	ma	mu
l	li	le	lo	la	lu
		lie	lio	lia	

Somos una familia unida.

fama
fila
fuma
Lola

mamá
lima
malo
lila

ola
mofa
lomo
Emilio

Filomeno se puso malo.

Lola pone la mesa.

En mi familia no se fuma.



hipoteca
hi-po-te-ca

	a	i	u	e	o
h	ha	hi	hu	he	ho
p	pa	pi	pu	pe	po
t	ta	ti	tu	te	to
c	ca	ci	cu	ce	co

Mi casa tiene una hipoteca.

hipo
peto
Cati
capa

pata
tapa
tipo
Paco

hueco
petaca
patata
tapete

Las tapas de Córdoba son famosas.

Necesito dinero para la hipoteca.

La tele de mi casa suena mal.



ayuda
a – yu – da

	e	u	a	i	o
y	ye	yu	ya	yi	yo
d	de	du	da	di	do

Paca pide ayuda para su piso.

yo	dedo	Aída
ya	yoyó	duda
dúo	yodo	dado
ida	yudo	ayudar

El banco no me da ayuda con la hipoteca.

El dinero ayuda a la familia.

La médica pone yodo en la herida.

Mayo es fiesta en Córdoba.

RECORDAMOS LO APRENDIDO...

	i	u	a	o	e
p	pi	pu	pa	po	pe
s	si	su	sa	so	se
d	di	du	da	do	de
n	ni	nu	na	no	ne
r	ri	ru	ra	ro	re
f	fi	fu	fa	fo	fe
m	mi	mu	ma	mo	me
l	li	lu	la	lo	le
h	hi	hu	ha	ho	he
t	ti	tu	ta	to	te
c	ci	cu	ca	co	ce
y	yi	yu	ya	yo	ye

Ejercicio 1: Construye nuevas palabras con las sílabas incluidas en el cuadro anterior.

1. _____

6. _____

2. _____

7. _____

3. _____

8. _____

4. _____

9. _____

5. _____

10. _____

Ejercicio 2: Ordena las palabras para construir las frases:

fuma	ya	Pepa	no
-------------	-----------	-------------	-----------

ropa	se	Susana	la	puso
-------------	-----------	---------------	-----------	-------------

sala	La	pisa	no	se
-------------	-----------	-------------	-----------	-----------

se	piso	muda	Manolo	de
-----------	-------------	-------------	---------------	-----------

Córdoba	Los	lucen	patios	en
----------------	------------	--------------	---------------	-----------

Ejercicio 3: Preguntas para debatir en grupo: ¿Cómo distribuyes tus gastos para llegar a fin de mes? ¿Compras lo que necesitas?

Ejercicio 4: Elaborad en grupo un listado de diez consejos para planificar bien el gasto del mes.

OTROS SONIDOS...

a e i o u	l	a e i o u	la	le	li	lo	lu
			al	el	il	ol	ul

a e i o u	s	a e i o u	sa	se	si	so	su
			as	es	is	os	us

a e i o u	n	a e i o u	na	ne	ni	no	un
			an	en	in	on	un

a e i o u	r	a e i o u	ra	re	ri	ro	ru
			ar	er	ir	or	ur

RECORDAMOS LO APRENDIDO...

Ejercicio 1: Escribe 4 palabras que terminen en:

-os	-ar	-on
-	-	-
-	-	-
-	-	-
-	-	-

Ejercicio 2: Elabora 5 frases utilizando palabras que contengan las sílabas aprendidas hasta ahora.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

Ejercicio 3: Coloca las sílabas en las siguientes frases:

el	un	al	en	se	la
----	----	----	----	----	----

Pepa se alisa _____ pelo.

Ana pisa _____ suelo.

Puso apio en _____ sopa.

Él se fue _____ piso.

El pato nada _____ el río.

Salió _____ día el sol.

_____ pasó de peso.

Ejercicio 4: Vamos a formar plurales añadiendo -s a las siguientes palabras:

SINGULAR	PLURAL
tela	_____
cama	_____
mesa	_____
paseo	_____
cocina	_____
espeso	_____
hilo	_____
socia	_____
cana	_____
maleta	_____
parado	_____

Ejercicio 5: Escribe el género y el número de los siguientes nombres:

Nombres	Género	Número
marido	masculino	singular
casa	_____	_____
familias	_____	_____
dinero	_____	_____
monedas	_____	_____
luna	_____	_____
puertas	_____	_____



chiquillo /chiquilla
chi-qui-llo

	e	o	u	i	a
ch	che	cho	chu	chi	cha
qu	que			qui	
ll	lle	llo	llu	lli	lla

La chiquilla está en la calle.

cheque	calle	chica
choque	chollo	coche
dicho	chilla	querido
dicha	callo	lucha
mucho	pandilla	derecho
lloro	llano	fallo

Los chiquillos y chiquillas de mi calle son inquietos, pero no malos. Ellas y ellos forman una pandilla.

En mi calle las aceras las ocupan los coches y las motos. No podemos pasar con el cochecito.

Por la noche, el ruido de los coches nos molesta para dormir.



mujer
mu- jer

	e	o	u	i	a
m	me	mo	mu	mi	ma
j	je	jo	ju	ji	ja
	jer	jor	jur	jir	jar

Las mujeres luchan por sus derechos.

mejor	mojar	mano
mamá	rama	pana
memoria	Roma	comida
María	amar	mimo
jurar	jornal	romería
jornada	jardín	jamás

Muchas mujeres de mi calle cuidan por las noches a personas mayores. El sueldo es muy escaso.

La memoria se ha de cuidar. Lo mejor es leer mucho y compartir lo leído.

Las mujeres hemos de ayudarnos y tener la autoestima alta.



compañera /compañero
com-pa-ñe-ra

	e	o	u	i	a
c	cem	com	cum	cim	cam
p	pe	po	pu	pi	pa
ñ	ñe	ño	ñu	ñi	ña
r	re	ro	ru	ri	ra
pr	pre	pro	pru	pri	pra

Mis compañeras me ayudan a leer.

riña	campo	mañana
cima	puño	acompañar
uña	pañó	campañá
año	apaño	cementerio
peña	empeño	campesino
niña	compañía	acampar

Las compañeras de mi hija están en paro y continúan estudiando para mejorar su situación.

Por las mañanas escucho la radio y me siento acompañada. Me entero de las noticias del día y las comento con mis amistades.

He puesto mucho empeño en educar a mis hijas e hijos. Son el futuro de un mundo mejor.



barrio
ba – rrio

	o	e	a	u	i
b	bo	be	ba	bu	bi
rr	rro	rre	rra	rru	rri
r	ro	re	ra	ru	ri
br	bro	bre	bra	bru	bri

Mi piso está en un barrio.

barrer	perro	hombre
borrar	puerro	arrulla
ahorro	brasero	recorrido
barro	aburro	arrasa
rabioso	barrera	abejorro

Mi barrio está junto al río. Todas las personas del barrio debemos cuidarlo.
Mi barrio debe estar limpio. Las basuras hay que echarlas en los contenedores.
Hay que usar también las papeleras.

En mi barrio faltan parques y espacios para el ocio donde podamos estar todas las personas.

Cuidar la tierra es tarea de mujeres y hombres.



escuela
es – cue – la

i	a	o	u	e
is	as	os	us	es
ci	ca	co	cu	ce
cui	cua	cuo		cue
li	la	lo	lu	le

En la escuela me formo como persona.

ascua	isla	lías
ala	licuadora	oso
lío	Esmeralda	colar
Lola	lee	cuenco
compañera	Luis	laca
consumo	cuidado	acuario

La escuela nos ayuda a conocer nuestra situación y así poder mejorarla. Entre todas las compañeras, y con el apoyo de la profesora, aprendemos a leer.

En la escuela de personas adultas escuchamos a muchas compañeras que tienen situaciones muy parecidas. Nos ayudamos y debatimos cómo salir adelante.

La escuela pública es un derecho para todas las personas.



autobús
au- to- bús

a	e	o	u	i
ta	te	to	tu	ti
ba	be	bo	bu	bi
bas	bes	bos	bus	bis

El autobús en Córdoba funciona bastante bien.

busto	parada	Aurora
bastón	billete	autónoma
buscar	bisturí	Aurelio
buitre	bonobús	bisabuelo
batido	báscula	autonomía

El uso del autobús ayuda a reducir la contaminación. Hay muchas paradas de autobús por toda la ciudad. Por la noche pasan pocos autobuses y faltan marquesinas en muchas paradas.

No hay suficientes autobuses en los barrios periféricos de Córdoba. He de coger dos autobuses todos los días para ir al hospital Reina Sofía.

RECORDAMOS LO APRENDIDO...

	u	e	a	o	i
m	mu	me	ma	mo	mi
b	bu	be	ba	bo	bi
c	cu	ce	ca	co	ci
p	pu	pe	pa	po	pi
r	ru	re	ra	ro	ri
j	ju	je	ja	jo	ji
ñ	ñu	ñe	ña	ño	ñi
t	tu	te	ta	to	ti
l	lu	le	la	lo	li
ch	chu	che	cha	cho	chi
qu		que			qui
ll	llu	lle	lla	llo	lli
pr	pru	pre	pra	pro	pri
rr	rru	rre	rra	rro	rri
br	bru	bre	Bra	bro	bri

Ejercicio 1. El puzle: construimos, por parejas, nuevas palabras con las siguientes familias silábicas:

Grupo 1					Nuevas palabras
ru	re	ra/rra	ro/rro	ri	1. _____
pu	pe	pa	po	pi	2. _____
chu	che	cha	cho	chi	3. _____
					4. _____

Grupo 2					Nuevas palabras
tu	te	ta	to	ti	1. _____
mu	me	ma	mo	mi	2. _____
lu	le	la	lo	li	3. _____
bru	bre	bra	bro	bri	4. _____

Grupo 3					Nuevas palabras
ju	je	ja	jo	ji	1. _____
ru	re	ra /rra	ro /rro	ri	2. _____
cu	ce	ca	co	ci	3. _____
tu	te	ta	to	ti	4. _____

En grupos de cuatro, reunimos las palabras construidas y elaboramos con ellas nuevas frases.

Ejercicio 2: De la lista de palabras siguientes señala, con una X, cinco elementos para mejorar tu barrio:

Semáforos	
Parques	
Aparcamientos	
Vigilancia	
Limpieza	
Centro Comercial	
Biblioteca	
Escuela	
Cine	
Paso de peatones	
Iluminación	
Ludoteca	

Ejercicio 3: Ponemos en común el ejercicio anterior: ¿Cómo mejoraríamos el barrio? ¿Cómo lo cuidamos?

Ejercicio 4: Construye tres frases que contengan las siguientes palabras: escuela/ mujeres /barrio.

1. _____
2. _____
3. _____

Ejercicio 5: En las siguientes oraciones rodea con círculo rojo el sonido ce y con azul el sonido ci:

- Paseo por la acera de mi calle.
- Me apetece ir a la ciudad.
- La cita con la médica es a las doce.
- Cenamos en la mesa de la cocina.



trabajo
tra - ba - jo

u	o	a	i	e
tru	tro	tra	tri	tre
bu	bo	ba	bi	be
ju	jo	ja	ji	je

La mujer trabaja dentro y fuera de casa.

traje	trato	trepador
bajo	tronco	butano
traba	Tránsito	juicio
trapo	tradición	beso
jaleo	trauma	trabajadora

El trabajo de la casa debemos compartirlo entre mujeres y hombres. La sociedad no reconoce aún el papel tan importante que han tenido y tienen las mujeres en el mantenimiento de la familia.

Para tener trabajo es necesario formarse continuamente. El trabajo da autonomía a las mujeres.

Haciendo el mismo trabajo, el sueldo de las mujeres es más bajo que el de los hombres. Las mujeres tienen más dificultades para ser jefas.



paro
pa - ro

	a	e	i	o	u
p	pa	pe	pi	po	pu
r	ra	re	ri	ro	ru

Pepa está en paro.

Sara	Rosa	risa
Pepe	será	soso
raro	rape	operado
para	ropa	superó
pera	parada	apuro

Toda mi familia está parada. Tenemos apuros para terminar el mes.

En mi barrio hay mucho paro. Las vecinas y vecinos nos ayudamos en esta situación.

Para no estar paradas acudimos a cursos de formación.



huelga
huel- ga

a	e	i	o	u
ha	he	hi	ho	hu
al	el	il	ol	ul
ga	ge/gue/güe	gi/gui/güi	go	gu

Las mujeres estamos en huelga.

hoguera	hogar	hurgar
higo	garganta	guirnalda
guijarro	gotera	hexágono
Águeda	seguro	guisar
guerra	garaje	guante
guapa	guasa	guía

En la huelga luchamos unidos mujeres y hombres por nuestros intereses. No podemos perder nuestro derecho a un trabajo digno.

Entre toda la familia hacemos las tareas del hogar.

Las guerras violan los derechos humanos e internacionales.



voto
vo – to

	o	e	a	u	i
v	vo	ve	va	vu	vi
t	to	te	ta	tu	ti

El voto ha sido una conquista de la ciudadanía.

vale	viento	vivir
Eva	vieja	tapete
olivo	viaje	veta
veo	joven	divertida
venta	vida	vestido

La urna está llena de votos. Tu voto vale mucho y posibilita la participación en la sociedad.

La democracia se ha de dar en libertad y debemos luchar por mantenerla.

Todas las personas tenemos derecho al voto. Hoy las mujeres pueden votar tras muchos años de lucha.

Ningún bien vale como la vida.



paz

	o	e	a	u	i
p	poz	pez	paz	puz	piz

Me gusta la paz.

paz	pezón	pizza
pez	pezuña	pizco
pozo	capaz	rapaz
puzle	pizarra	

Andalucía, a lo largo de su historia, ha luchado por la paz.

Las mujeres andaluzas crean redes para estar representadas en los órganos de decisión.

Escribo las palabras PAZ y SOLIDARIDAD.

Las guerras violan los derechos humanos y destruyen la paz.

RECORDAMOS LO APRENDIDO...

	e	o	a	u	i
b	be	bo	ba	bu	bi
p	pe	po	pa	pu	pi
r	re	ro	ra	ru	ri
j	je	jo	ja	ju	ji
h	he	ho	ha	hu	hi
v	ve	vo	va	vu	vi
g	ge	go	ga	gu	gi
t	te	to	ta	tu	ti
tr	tre	tro	tra	tru	tri
	-el-	-ol-	-al-	-ul-	-il-
	-er	-or	-ar	-ur	-ir

Ejercicio 1: Poco a poco leemos más palabras y nos conocemos mejor. Lee las siguientes frases y coméntalas en grupo.

- Mi piso lo tengo hipotecado y pago todos los meses mucho dinero.
- El trabajo que hacemos en la escuela me ayuda a superarme. Aprendemos cosas todas juntas.
- Los jóvenes no encuentran trabajo. La familia les ayuda y apoya.

Ejercicio 2: Contamos por escrito cómo es...

a) Mi trabajo _____

b) Mi familia _____

c) Mi piso _____

Ejercicio 3: Busca la letra “y” en los titulares de la prensa del día. Escribe un nuevo titular en el que aparezca la letra “y”.

Ejercicio 4: A partir de las sílabas aprendidas construye, al menos, cinco nombres propios. Ejemplo: Arturo.

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

Ejercicio 5: Busca en el diccionario y escribe el significado de las siguientes palabras:

Democracia

Participación

Libertad



salud
sa – lud

a	e	i	o	u
sa	se	si	so	su
la	le	li	lo	lu

El cuidado de la salud es muy importante.

so	lo	asilo
sa	so	sueldo
so	so	Marisa
so	so	soluble
so	so	saludable

Mi ciudad es saludable porque se cuida el medio ambiente. La buena convivencia entre el vecindario también da salud.

La comida mediterránea nos aporta salud y bienestar. Los alimentos ecológicos garantizan una vida más sana.

La médica me receta penicilina. ¿Las mujeres abusamos de las medicinas?
Todas las personas tenemos derecho a la salud pública.



kilo
ki - lo

i	a	e	u	o
ki	ka	ke	ku	ko
li	la	le	lu	la

El kilo de tomates está muy caro.

kiko	olía	koala
leer	kárate	Elías
	kiosco	kilómetro

Kiko llama a Lola para ir al mercado. El kilo de patatas ha subido su precio. La crisis encarece todavía más los precios.

María va a kárate y corre tres kilómetros diarios para mantener su salud.

Voy al kiosco a comprar el periódico. Me gusta leer la prensa todos los días.



sexualidad
se-xua-li-dad

i	a	e	u	o
si	sa	se	su	so
xi	xa	xe /ex	xua	xo
	dad			

¿Cómo se vive la sexualidad de mayor?

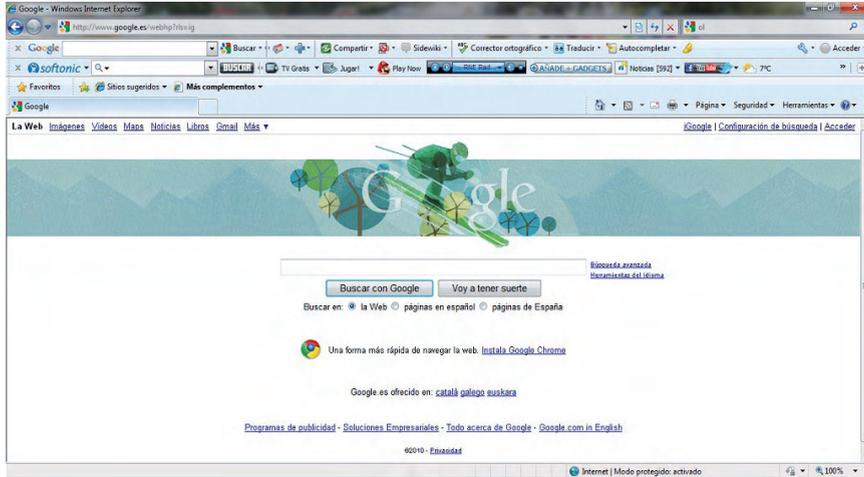
saxo	sexo	sexta
coxis	sexy	xenofobia
flexo	sexismo	sexagenario

En mi casa no se hablaba de sexo.

Las mujeres vivimos el sexo de forma diferente a los hombres.

Mi experiencia sexual ha sido satisfactoria.

La menopausia no disminuye mi deseo sexual.



web

o	e	a	u	i
wo	we	wa		wi

Antonia visita la web todos los días.

waterpolo	Hawai
kiwi	sandwich
water	windsurf
taekwondo	web
show	whisky

El kiwi nos aporta vitaminas y es un alimento muy completo.

María publicó un artículo sobre personas adultas en la web. Fue una tarea difícil pero, con empeño, lo logró.

La comida rápida, los alimentos industriales y con mucha grasa, perjudican la salud. Mi hijo abusa de las hamburguesas, pizzas y sándwiches.

Hablaremos desde el extranjero con mi familia a través de una cámara web.



	Desayuno	Almuerzo	Merienda	Cena
Lunes				
Martes				
Miércoles				
Jueves				
Viernes				
Sábado				
Domingo				

3. Hablemos sobre nuestro peso ideal.
4. Busca en el diccionario y escribe el significado de las palabras anorexia y bulimia. Debate en grupo cómo afectan estas enfermedades en la vida familiar de las personas que las padecen.

Ejercicio 3: Escribe la palabra correspondiente a cada una de las siguientes definiciones:

Juego que se practica en una piscina y que consiste en introducir el balón en la portería contraria mientras se nada.	
Grano de maíz tostado.	
Discriminación de personas de un sexo por considerarlo inferior al otro.	

Ejercicio 4: ¿Hablamos sobre sexo en la edad adulta? Vemos en clase la película “En el séptimo cielo”: ¿Cómo viven la sexualidad los protagonistas de esta película? ¿Crees que mujeres y hombres viven la sexualidad de modo diferente?



marginación
mar - gi - na - ción

a	e	i	o	u
mar	mer	mir	mor	mur
ga	ge	gi	go	gu
na	ne	ni	no	un
ca	ce	ci	co	cu
-an	-en	-in	-on	-un

Existe marginación en algunos barrios de la ciudad.

mar	gentío	acción
gente	margen	marginal
Gerona	genital	magia
genio	gemelos	gemelas
gitana	gelatina	generoso
		inmigración

Algunos gitanos se sienten marginados en nuestra ciudad.

La marginación genera pobreza. Hay que poner en marcha políticas inclusivas.

Hemos de conseguir que se mantenga vigente la Ley de Dependencia.

Las personas inmigrantes colaboran con su trabajo en nuestra sociedad.

Las diferencias entre las personas no deben generar marginación.



Violencia
vio - len - cia

i	e	o	a	u
vi	ve	vo	va	vu
li	le	lo	la	lu
ci	ce	co	ca	cu

La violencia de género es un problema a combatir en nuestra sociedad.

vivir	lentitud	velo
violación	víctima	Valencia
vello	vigilar	vacilar
vicio	vacuna	velar
vacío	óvulo	aval

La violencia provoca agresividad en los niños y niñas.

La violencia contra las mujeres ha de denunciarse.

Victoria fue víctima de una violación.

El paro puede generar violencia.

La diferencia sexual entre mujeres y hombres no debe generar dominio y posesión de un sexo sobre otro.



igualdad
i - gual - dad

o	a	i	u	e
go	ga	gui/güi	gu	gue/güe
ol	al	il	ul	el
	dad			

La igualdad entre mujeres y hombres está recogida en la Constitución.

guía	guardia	guardería
igual	equidad	cigüeña
agua	oigo	pingüino
alga	aguacate	vergüenza
edad	guante	antigüedad

¿Existe igualdad entre hombres y mujeres?

Las diferencias entre mujeres y hombres no han de generar desigualdad. Somos diferentes pero iguales en derechos.

Las mujeres necesitamos espacios de encuentro para poder reunirnos, aprender y compartir.

Nuestras experiencias son también conocimientos. Las mujeres aprendemos a leer y escribir en grupo. Sabemos que somos ciudadanas con derechos y deberes.

RECORDAMOS LO APRENDIDO...

	a	u	e	o	i
w	wa	wu	we	wo	wi
g	ga	gu	gue/ge/ güe	go	gui/gi/ güi
gr	gra	gru	gre	gro	gri
cr	cra	cru	cre	cro	cri
bl	bla	blu	ble	blo	bli
tr	tra	tru	tre	tro	tri
pr	para	pru	pre	pro	pri

Ejercicio 1. “Palabras encadenadas”. Elabora una cadena de palabras. Para ello, utiliza la última sílaba de la primera palabra para comenzar la siguiente. Ejemplo:

mesa-saco-cocina _____

Ejercicio 2: Busca en el diccionario y escribe el significado de las siguientes palabras:

Igualdad

Inmigrante

Emigrante

Género

Sexo

Violencia

Ejercicio 3. Debate en el aula: ¿Qué haría falta para lograr la igualdad real entre mujeres y hombres?

EPÍLOGO

Si un día llenamos las plazas de nuestros barrios y pueblos de mujeres formadas va a ser porque afuera, en la sociedad, hay cientos de miles de personas que han cultivado su capacidad de pensar y aprender.

La inteligencia que da frutos a una sociedad es la inteligencia distribuida. Que es aquella que no está guardada en los laboratorios o universidades, sino la que anda por las calles. El conocimiento que se usa para cocinar, para cuidar, para torrear, para programar un ordenador...Es la misma inteligencia.

Unas mujeres llevarán el paso más rápido que otras pero el camino que nos lleva a la igualdad es el mismo. Transitamos todas por el mismo camino. Y los pasos más lentos de unas son los mismos y tienen el mismo valor para las que tienen conocimientos académicos que para las que llevan una familia, siembran los campos, cuidan...

Para transitar ese camino hacia la igualdad, se necesita la misma mirada curiosa, esa mirada, tan nuestra, hambrienta de conocimientos, transformadora y por tanto crítica.

Se termina sabiendo porque antes estuvimos incómodas por no saber. Aprendemos porque tenemos curiosidad cultural, casi cuando abrimos los ojos al mundo.

Por todo ello, os invitamos a soñar con una sociedad donde cuando las madres muestren el cielo estrellado a sus criaturas y disfruten de ese espectáculo puedan hacerles pensar en los cuerpos celestes, en la velocidad de la luz y en la velocidad de las ondas.

*SOÑAMOS CON UNA SOCIEDAD EN LA QUE LAS MUJERES
PODAMOS PONER NOMBRE AL MUNDO.*

